

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE DIREITO E RELAÇÕES INTERNACIONAIS – FADIRI**

Luana Vedovatto da Rosa

**A diplomacia cultural e o *soft power* de potências médias: um estudo de caso
sobre a Coreia do Sul**

DOURADOS
NOVEMBRO, 2022

Luana Vedovatto da Rosa

A diplomacia cultural e o *soft power* de potências médias: um estudo de caso sobre a Coreia do Sul

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora da Universidade Federal da Grande Dourados, como pré-requisito para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais, sob a orientação da Prof. Déborah Silva do Monte.

DOURADOS

NOVEMBRO, 2022

Para meus pais, que sempre acreditaram que o
estudo é o bem mais precioso que alguém
pode.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer à minha orientadora Déborah Monte por ser uma professora genial, ser a voz dentro da minha cabeça toda vez que penso em Relações Internacionais e ter ajudado a desenvolver o meu tema da maneira que desejava.

Segundamente, agradecer à UFGD pela oportunidade, e pela excelência do corpo docente da FADIRI, que incentiva seus alunos a criarem pensamentos críticos e se encontrarem como internacionalistas.

Agradeço também aos meus pais por serem a minha melhor fonte de inspiração e força e por sempre fazerem o possível para nunca me faltar nada durante esses anos de graduação.

E por último, agradeço também as moradoras do apartamento quatro e ao meu grupo de amigos por sempre me apoiarem e sempre estarem comigo.

“Turn my mess into messages
Learn from the lessons
And keep on, keep on, keep on
Through all of the fears
Taste of the sweat and dirt
We all live for the day
They’ll be screaming our names
So keep on, keep on, keep on.”

New Heroes, Ten, 2018.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

R789d Rosa, Luana Vedovatto Da
A diplomacia cultural e o soft power de potências médias: Um estudo de caso sobre a Coreia do Sul [recurso eletrônico] / Luana Vedovatto Da Rosa. -- 2022.
Arquivo em formato pdf.

Orientadora: Déborah Silva do Monte.
TCC (Graduação em Relações Internacionais)-Universidade Federal da Grande Dourados, 2022.
Disponível no Repositório Institucional da UFGD em:
<https://portal.ufgd.edu.br/setor/biblioteca/repositorio>

1. Soft Power. 2. Coreia do Sul. 3. Onda Hallyu. 4. Diplomacia Cultural. 5. Política Externa. I. Monte, Déborah Silva Do. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

©Direitos reservados. Permitido a reprodução parcial desde que citada a fonte.



ATA DE DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Em 11 de novembro de 2022, compareceu para defesa pública on-line do Trabalho de Conclusão de Curso, requisito obrigatório para a obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais, a aluna **Luana Vedovatto da Rosa** tendo como título “**A diplomacia cultural e o soft power de potências médias: um estudo de caso sobre a Coréia do Sul**”.

Constituíram a Banca Examinadora os professores **Dra. Déborah Silva do Monte** (orientadora), **Dr. Bruno Boti Bernardi** (examinador) e **Dra. Fernanda Barth Barasuol** (examinadora).

Após a apresentação e as observações dos membros da banca avaliadora, o trabalho foi considerado APROVADO.

Por nada mais terem a declarar, assinam a presente Ata.

Observações: _____

Assinaturas:

Dra. Déborah Silva do Monte

Orientador

Dr. Bruno Boti Bernardi

Examinador

Dra. Fernanda Barth Barasuol

Examinadora

RESUMO

A Onda *Hallyu* tem sido uma ferramenta usada para o desenvolvimento da política externa, e se tornou um recurso essencial de *soft power* da Coreia do Sul. Com a ajuda da globalização e das redes sociais, a expansão desse fenômeno tem dado a oportunidade da nação sul-coreana mudar a visão que outros países têm de si, além de criar oportunidades econômicas e sociais. Este trabalho tem o intuito de explorar o uso da Onda *Hallyu* como recurso de *soft power* da diplomacia cultural coreana a partir de 1998 com o Governo de Kim Dae-jung e estendendo até 2022 com o Governo de Moon Jae-in e responder através de pesquisas bibliográficas qual a importância do investimento na cultura como uma estratégia para o desenvolvimento do *soft power* de potências médias, como a Coreia do Sul?

Palavra Chave: Soft Power, Onda Hallyu, Onda Coreana, Coreia do Sul, Diplomacia Cultural.

ABSTRACT

The *Hallyu* Wave has been a tool used for foreign policy development, and has become an essential soft power resource for South Korea. With the help of globalization and social media, the expansion of the Korean Wave has given South Korea's nation the opportunity to change the perspective of other countries about itself. This work aims to explore the use of the Hallyu Wave as a soft power resource of Korean cultural diplomacy from 1998 with Kim Dae-jung's Government to 2022 with Moon Jae-in's Government, and answer through bibliographic research what is the importance of investing in culture as a strategy for the development of the soft power of medium powers, such as South Korea?

Keyword: Soft Power, Hallyu Wave, Korean Wave, South Korea, Cultural Diplomacy.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. A CONCEITUALIZAÇÃO DE PODER, <i>SOFT POWER</i>, POLÍTICA EXTERNA, POTÊNCIAS MÉDIAS E DIPLOMACIA CULTURAL.....	13
2.1. PODER.....	13
2.2. <i>SOFT POWER</i>	17
2.3. POLÍTICA EXTERNA.	19
2.4. COREIA DO SUL: UMA POTÊNCIA MÉDIA.....	20
2.5 DIPLOMACIA CULTURAL.....	23
3. O GOVERNO SUL COREANO E O FENÔMENO DA ONDA <i>HALLYU</i>	25
3.1. UMA BREVE ANÁLISE DA HISTÓRIA COREANA: ENTRE REINADOS, COLONIZAÇÃO E REPÚBLICA	25
3.2. A CRISE FINANCEIRA ASIÁTICA DE 1997.....	27
3.3. A ONDA <i>HALLYU</i>	29
4. A ONDA <i>HALLYU</i> COMO FORMA DE <i>SOFT POWER</i> SUL-COREANO.....	36
4.1. CARACTERÍSTICAS DA ONDA <i>HALLYU</i> COMO FORMA DE <i>SOFT POWER</i>	36
4.2. A RELAÇÃO ONDA <i>HALLYU</i> E OS GOVERNOS DE 1998 a 2022.....	37
4.3 A ONDA <i>HALLYU</i> COMO FERRAMENTA DE <i>SOFT POWER</i> SUL COREANO.....	38
4.4 O RESULTADO DA ONDA <i>HALLYU</i> COMO ESTRATÉGIA DE <i>SOFT POWER</i> PARA A COREIA DO SUL.....	42
4.5 O FUTURO DA ONDA <i>HALLYU</i>	43

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
6. REFERÊNCIAS	47

1. INTRODUÇÃO

Em sua autobiografia, publicada em 1929, o líder contra o movimento da Ocupação Japonesa Kim Gun escreveu que:

Eu quero que o nosso país se torne o mais lindo do mundo, não o mais poderoso país do mundo. Como nós sofremos a dor de uma invasão, eu não quero que o nosso país invada outros. Nós só precisamos ser prósperos o suficiente para garantir a vida da nossa população, e os nossos militares só precisam ser fortes o suficiente para nos defender contra invasões. A única coisa que quero é que nosso país possua uma força cultural sem limites. O poder da cultura traz felicidade para as nossas vidas e para a vida dos outros. (KIM, 1929, não paginado)

Desde então, a globalização vem permitindo que a Coreia do Sul ganhe espaço no ambiente internacional através da ascensão de sua cultura nacional. O reconhecimento da cultura coreana vem resultando no crescimento do ramo de entretenimento popular coreano, que por sua vez tem se enraizando cada vez mais em países dentro e fora da Ásia.

Conhecida como o termo popular de Onda Coreana ou Onda *Hallyu*, a iniciativa de exportação da cultura coreana vem recebendo destaque com a viralização global de artistas e produções nacionais, como grupos de k-pop¹, dramas² e jogos. Esse fenômeno incentiva o desenvolvimento de uma identidade cultural, facilitando no reconhecimento internacional, e a aproximação com o Ocidente. A dedicação do governo em promover a Onda *Hallyu* se originou de um país que, no decorrer da Ocupação Japonesa durante a Segunda Guerra Mundial, teve a sua cultura reprimida e discriminada. (PARK³, 2022, online).

O investimento na cultura nacional foi uma das estratégias adotadas pelo Governo Sul-Coreano para recuperar-se da crise instaurada na Ásia em 1997, com o objetivo de impulsionar o país economicamente e melhorar a imagem nacional, que até então era relacionada com a Guerra da Coreia perante o restante do mundo. Além dos ganhos econômicos, a Onda *Hallyu* incorporou-se a sua política externa, se tornando um recurso de *soft power*, que como efeito teve um aumento na sua área de influência, permitindo a população internacional aceitar e integrar a cultura coreana em suas próprias vidas. (SAEJI, 2021, online)

¹ K-pop é o termo utilizado para denominar o gênero de música popular coreana, surgiu entre os anos de 1980-1990.

² Termo popular utilizado para descrever produções televisivas na Ásia, também conhecido como “Doramas” pela similar pronúncia em japonês da palavra “Drama”.

³ Yun Jung Im Park é professora e coordenadora do Curso de Língua e Literatura Coreana do Departamento de Letras Orientais (DLO) da FFLCH, onde ministra as disciplinas de Língua Coreana I e II, Cultura Coreana I e II, Literatura Moderna Coreana I e II. Possui mestrado em Literatura Coreana Moderna pela Yonsei University (1990) e doutorado em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP (1995), na área de Tradução Literária. (USP)

O presidente da *Korea Foundation*⁴, Lee Geun, afirmou durante um seminário sobre o sucesso da economia coreana, que a “*Hallyu* tem se tornado não apenas conteúdo global mas um importante aliado para a diplomacia pública” (LEE, 2015, online). Desta forma, com as mudanças políticas, culturais e econômicas, as noções de *soft power* e diplomacia cultural se inseriram cada vez mais nas políticas nacionais sul-coreanas.

Esta monografia tem o intuito de explorar o uso da Onda *Hallyu* como recurso de *soft power* da diplomacia cultural coreana a partir de 1998 com o Governo de Kim Dae-jung e estendendo até 2022 com o Governo de Moon Jae-in, e compreender através de pesquisas bibliográficas, a importância dos investimentos feitos pelo Governo Sul-Coreano na indústria cultural.

Desta forma, foi a partir deste investimento que a imagem sul-coreana começou a tomar a forma que conhecemos hoje, se tornando não apenas um país com uma economia estável, mas um país com sua identidade regional orgulhosamente estabelecida. O crescimento do seu *soft power* veio como um resultado positivo para um investimento que começou com intenções econômicas.

Sendo assim, é possível se perguntar qual a importância do investimento na cultura como uma estratégia para o desenvolvimento do *soft power* de potências médias, como a Coreia do Sul?

Para atingir esta resposta, o método de estudo de caso com o objetivo de realizar uma investigação ao pesquisar um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto real foi utilizado (YIN, 2009, p. 13-14), a técnica de pesquisa aplicada foi a análise de pesquisa bibliográfica de artigos já publicados a respeito do assunto e as medidas oficiais utilizadas pelo Governo Sul-Coreano para impulsionar a Onda *Hallyu*. A conceitualização de termos como poder, política externa e potências médias, além da contextualização histórica são necessárias para o entendimento de como é aplicado o *soft power* coreano no cenário internacional.

Este estudo de caso tem o objetivo de defender investimentos culturais com o propósito de expandir o uso da diplomacia cultural para adquirir mais espaço no ambiente internacional, apresentando fatos e informações fornecidas por bibliografias já publicadas como o artigo “*A Soft Power Approach to the Korean Wave*” de Lee Geun publicado em 2009

⁴ A Korea Foundation é uma organização não-lucrativa, fundada em 1991, voltada para a diplomacia pública com o objetivo de promover um melhor entendimento sobre a Coreia e fortalecer sua amizade com a comunidade internacional. (KOREAN FOUNDATION, online).

ou “*The Korean Wave: Retrospect and Prospect*” de Dal Young-jin e Tae-jin Yoon publicado em 2017.

A organização deste trabalho está dividida em três capítulos: o primeiro e segundo capítulo tem a finalidade de conceituar e contextualizar princípios para o entendimento do desenvolvimento do estudo de caso. O terceiro capítulo tem o fim de expor as medidas tomadas em relação à Onda *Hallyu* pelas administrações presidenciais entre o período de 1998 a 2022 e a forma como exploraram os resultados em uma perspectiva de diplomacia cultural e *soft power*.

O primeiro capítulo trará a conceitualização de poder vista a partir da perspectiva do Realismo Clássico com autores como Hans Morgenthau e do Neorealismo com autores como Kenneth Waltz e John Mearsheimer. A conceitualização do poder por um ponto de vista do liberalismo político a partir das influências de John Locke e Max Weber. O conceito de *soft power*, desenvolvido por Joseph Nye foi similarmente abordado neste capítulo. Foi dada também, a noção do que se caracteriza como política externa com Robert Putnam, explicando o jogo de dois níveis entre o doméstico e o internacional. Os conceitos de potências médias e diplomacia cultural integraram o desenvolvimento final deste capítulo, com as definições sendo feitas por autores como Robert Keohane e o diplomata brasileiro Edgar Telles Ribeiro, respectivamente.

No segundo capítulo, a contextualização histórica será feita através da apresentação da história da península coreana e como a República da Coreia do Sul veio a ser, apontando os acontecimentos essenciais para a compreensão de como a cultura se tornou um ponto importante para os sul-coreanos. Neste capítulo também foi abordado a Crise Asiática de 1997, que levou o governo Sul-Coreano a tomar o primeiro ato de investimento cultural, a partir de um objetivo econômico. A parte final deste capítulo está voltada para a história da Onda *Hallyu*, em que será exposto quais passos foram tomados pelo Governo Coreano para que esse fenômeno chegasse ao nível dos dias de hoje.

O terceiro e último capítulo está voltado para a caracterização da Onda *Hallyu* como forma de *soft power* coreano, além de apresentar as ações tomadas por cada administração presidencial entre os anos de 1998 a 2022 referente ao investimento que julgaram ser necessário para o desenvolvimento da Onda *Hallyu*. Este capítulo contém a forma como a Onda *Hallyu* foi utilizada como ferramenta de *soft power* Sul-Coreano e quais foram os resultados causados por essa abordagem estratégica de política externa. Para finalizar, trarei quais os possíveis passos e desafios que o futuro da Onda Coreana poderá vir a enfrentar.

2. A CONCEITUALIZAÇÃO DE PODER, *SOFT POWER*, POLÍTICA EXTERNA, POTÊNCIAS MÉDIAS E DIPLOMACIA CULTURAL

Este capítulo tem como objetivo apresentar os conceitos de poder para as Relações Internacionais diante das visões Realista e Liberal. Além do conceito de *soft power*, esclarecer as estratégias domésticas e internacionais da política externa, e definir o princípio sobre potências médias e diplomacia cultural.

2.1 PODER

O conceito de poder começou a ser discutido com o surgimento de relações internacionais como disciplina e foi se desenvolvendo com a interpretação de realistas como Hans Morgenthau (1948) -do Realismo Clássico- Kenneth Waltz (1979) e John Mearsheimer (1990) -do Neorealismo. Ao apresentar o conceito de poder, Morgenthau afirma que:

Quando falamos de poder, nos referimos ao controle de um homem sobre a mente e as ações de outro homem. O Poder político se refere às relações mútuas entre aqueles que controlam a autoridade pública e entre ele e seu povo. (MORGENTHAU, 1965, p. 13, tradução nossa⁵).

Para Morgenthau (1965), a figura material mais importante do poder são as forças armadas de um Estado, no entanto, o realista afirma que o caráter, a moral e a qualidade do governo também devem ser considerados importantes na composição do poder de um Estado.

Ao considerar o conceito de poder, Kenneth Waltz inclui que “o tamanho da população, seu território, alocação de seus recursos, capacidade econômica, força militar, estabilidade política e sua competência” são essenciais para estimar o poder de uma nação. (WALTZ, 1979, p.131). Seu compromisso com o realismo científico foi a razão pela qual sua interpretação de poder privilegia o materialismo, no entanto, é possível identificar aspectos não-materiais quando cita a estabilidade política e a sua competência.

Já para John Mearsheimer, poder é a capacidade material, ou seja, a soma da capacidade material com a capacidade de determinado país em transformar ativos como população, riqueza e tecnologia em poder militar, para ele “o poder é uma moeda da política das grandes potências e os Estados competem por ele entre eles”. (MEARSHEIMER, 2001, p. 06).

⁵ “When we speak of power, we mean man’s control over the minds and actions of other men. By political power we refer to the mutual relations of control among the holders of public authority and between the latter and the people” (MORGENTHAU, 1965, p.13)

Desta forma, a abordagem realista das Relações Internacionais, da qual Morgenthau, Waltz, e Mearsheimer são expoentes que dominaram as discussões das relações internacionais em que o poder era visto como material, desta forma, para os realistas a constante procura por poder é o resultado da natureza humana e como o Estado é o espelho das intenções humanas, que buscam segurança e sobrevivência através da acumulação de poder. (MEARSHEIMER, 2001, p.11-12).

Para as relações internacionais, o liberalismo parte do princípio da Utopia, que acreditava que as guerras poderiam ser evitadas com o aperfeiçoamento do ser humano ou de seu governo. (DOYLE, 1986, p.1151-1169). Desta forma, o liberalismo político tem a liberdade como princípio e procura maximizar a autonomia e a liberdade política, e assim, minimizar o poder do Estado diante da liberdade. Vale a pena pontuar que, apesar de terem semelhanças ontológicas e metodológicas, o liberalismo enquanto teoria política e liberalismo, como abordagem teórica específica do campo das Relações Internacionais, têm particularidades e diferenças.

Para John Locke (1690), teórico expoente do liberalismo político, o conceito de poder pode ser visto como uma capacidade ou habilidade, para ele “poder é uma grande parte das nossas ideias complexas de substâncias”. (LOCKE, 1690 *apud* JACOVIDES, 2003, p. 02-06⁶). A noção de substância nada mais é do que a entidade que torna o poder nos princípios das coisas que podem ser achadas nas razões que compõem a natureza das sociedades, e assim ter a possibilidade de objetivar na construção do outro.

Em uma abordagem mais contemporânea, Marx Weber (1947, p.152) define poder como:

A possibilidade que um ator dentro das relações sociais vai estar na posição de exercer sua vontade mesmo que haja resistência, independente da base dessa probabilidade. (WEBER, 1947, p.152).

Sendo o liberalismo não apenas uma teoria sobre liberdade, mas sobre criar e controlar o poder, a principal teoria consiste em julgar que o uso do poder de maneira absolutista pode ser visto como prejudicial para a liberdade individual e também para a lei. E assim, limitar o poder encorajaria a confiança na lei e como resultado causaria o crescimento da capacidade de um Estado de tornar cooperações possíveis sem o uso da força. Limitar o poder cria a

⁶ JACOVIDES, M. **Locke's construction of the idea of power.** *Studies in History and Philosophy of Science Part A.* 2003.

oportunidade da sociedade de gerar riquezas, conhecimento e outros recursos que serão benéficos para o Estado.

Desta forma, para os liberais, poder é essencial para a liberdade dependendo do tipo de poder que se é usado e de modo geral se entende como a capacidade de um indivíduo ou um grupo de causar efeitos e realizar valores e propósitos comuns. Os liberais veem um agente como poderoso dependendo da sua capacidade de prevalecer sobre outro agente, sendo em fazer com que façam algo que não queiram, ganhar conflitos ou fazer sua vontade prevalecer.

Já no campo específico das Relações Internacionais, David Baldwin (2002, p. 275) aprofunda-se ao analisar e explicar o conceito de poder dando a ele elementos de dimensões, sendo elas: (i) o escopo explica que o comportamento de um ator B é afetado por um ator A e isso implica que o poder de uma ator para o outro pode variar com diferentes questões; (ii) o domínio em que o número ou a importância de atores Bs estão sujeitos a influência de um ator A; (iii) o peso se entende como a probabilidade do comportamento do ator B mudar seu comportamento; (iiii) o custo se entende como o custo monetário da relação de poder entre atores A e B, em que o custo dos dois é relevante para compreender a sua influência; (iiii) os meios correspondem aos meios pelos quais um ator A pode exercer influência sobre um ator B, seja ela simbólica, econômica, militar e diplomática.

Desta forma, Baldwin consegue criar uma unidade de medida para estimar a dimensão do poder de um ator sobre o outro, mesmo que não haja uma medida válida aprovada universalmente, já que com todas as formas diferentes da natureza do poder se é difícil chegar na conclusão de quais dimensões podem ser usadas para se estimar o poder de um ator.

Nesse sentido, Frey (1989) também afirmou, em sua tentativa de compreender o que é poder no seu artigo apresentado no Encontro Anual da Associação de Estudos Internacionais em 1989, que a dificuldade de medir poder acaba levando a redefinição de seu conceito para facilitar a sua operação. Por isso, é preciso considerar o poder como uma relação de influência da capacidade militar nas relações internacionais, em que nenhuma base de poder é decisiva ao criar influência sobre outro Estado. (GUZZINI, 1993, p.23). No entanto, a capacidade militar pode variar de uma política de contingência para a outra, como as armas nucleares, em que podem ser úteis em ataques externos, mas são irrelevantes contra questões no mesmo país.

Por mais que essa primeira face do poder, sendo ela a tomada de decisões de um ator, seja ele um indivíduo ou uma organização política que considera sua situação antes de tomar a decisão, isto é, do poder material, tenha sido o suficiente para satisfazer a definição de poder, a ideia de “faces do poder” criou mais quatro alternativas de se ver o poder e a sua influência nas relações internacionais. A segunda face consiste na dissociação do poder do conflito aberto, de forma que é destacado a maneira como os atores podem explorar sua posição institucional para silenciar confrontos. A noção da segunda face ajudou a criar uma relevância e legitimidade na cooperação internacional e justificar as dimensões formais da cooperação entre Estados. A terceira face propõe que não é possível compreender a relação de poder entre atores focando apenas na sua posição em material e arranjos institucionais mas também a sua posição na estrutura social. (BACHRACH e BARATZ, 1962, p. 947-952). Desta forma, atores privilegiados poderiam usar seu tamanho como uma maneira de enganar os atores menos privilegiados em serem cúmplices de sua própria dominação. (LUKES, 2005, p.12-13). A quarta face do poder teve o maior efeito nas relações internacionais, em que o poder é visto como uma forma de criar sentido social e fazer a sociedade possível, e assim, o poder não é uma ferramenta carregada por agentes interessados, mas um processo em que os agentes e seus interesses são produzidos em primeiro lugar. (DIGESER, 1992, p.997-1007).

Sendo assim, cada uma dessas faces do poder são importantes para o estudo das relações internacionais, em que a primeira face está focada em tomar decisões levando em considerações problemas específicos quando um ator tenta influenciar as decisões de outros atores. A segunda face aparece quando alguns atores tentam acabar com determinadas agendas, mesmo que seja de vontade contrária de outros atores. A terceira face que pode ser relacionada com o conceito de *soft power* de Joseph Nye e a quarta face que compreende a importância do poder como uma ferramenta social.

Apesar das várias formas de distinguir o termo poder, influência, controle, coerção, força, persuasão, dissuasão e indução ainda são termos que podem ser usados para identificar o termo poder. O poder político, no entanto, parte do princípio de que toda forma de política envolve algum nível de poder, e dessa forma produzindo a balança de poder⁷, em que o poder é visto como uma propriedade ao invés de relações criadas (BALDWIN, 2002, 280). Todas as teorias sobre a balança de poder assumem que é possível que haja vários elementos de poder

⁷ De acordo com Waltz, a balança de poder acontece quando duas coalizões são formadas no Sistema Internacional, e Estados segundos, se possuírem a chance de escolher, irão escolher o lado mais fraco como uma forma de evitar se sentir ameaçado pelo lado mais forte. (WALTZ, 1979, p. 127).

nacional, também chamados de recursos de poder ou capacidades no intuito de calcular o poder das Grandes Potências, e assim, se entende que todas as mudanças na política de poder pode ser observada e medida. (WRIGHT, 1965, p.743).

2.2 *SOFT POWER*

No livro *Bound to Lead* (1990), Joseph Nye aponta uma nova terminologia na tentativa de conceituar poder, e assim, ele afirma uma concepção que leva em conta mais do que os recursos materiais de um Estado, mas também uma espécie de poder comportamental, ou seja, o comportamento a partir do emprego das diversas formas de poder, e desta forma, surgem os conceitos de *hard* e *soft power*. Nas palavras do autor:

O poder duro e o poder brando estão relacionados porque ambos são aspectos da capacidade de atingir um propósito afetando o comportamento dos outros. A distinção entre eles é de grau, tanto na natureza do comportamento quanto na tangibilidade dos recursos. Poder de comando - a capacidade de mudar o que os outros fazem - pode descansar por coação ou indução. Poder cooptivo - a capacidade de moldar o que os outros querem - pode se basear na atratividade de sua cultura e valores ou a capacidade de manipular a agenda de escolhas políticas em uma maneira que faz com que os outros deixem de expressar algumas preferências porque eles parecem ser muito irrealistas. (NYE, 1990, p.07, tradução nossa⁸).

No entanto, foi apenas em seu livro *The Means to Success in World Politics* (2004), que Nye finalmente aprofundou a conceitualização de *soft power* e é descrita por ele como:

É a capacidade de obter o que deseja através da atração, em vez de coerção ou pagamentos. Ela surge da atratividade da cultura, dos ideais políticos e das políticas de um país. Quando nossas políticas são vistas como legítimas aos olhos dos outros, nosso poder brando é aprimorado. (NYE, 2004, p.09, tradução nossa⁹).

Desta forma, Nye define o *soft power* como uma capacidade persuasiva de poder, ou seja, a capacidade de um ator em obter algo através de um efeito de atração ao invés de coerção ou pagamentos, isso se dá através do poder atrativo da cultura de um país, seus valores políticos e políticas, na qual quanto mais legítima vista de fora, maior é o alcance de seu *soft power*. Segundo ele, o *soft power* é considerado como o “verdadeiro poder”, pois a sedução de valores como o da liberdade, dos direitos humanos e das oportunidades

⁸ “Hard power and soft power are related because both are aspects of the ability to achieve a purpose by affecting the behavior of others. The distinction between them is one of degree, both in the nature of the behavior and in the tangibility of the resources. Command power - the ability to change what others do - can rest by coercion or induction. Co-optive power – the ability to shape what others want – can be based on the attractiveness of your culture and values or the ability to manipulate the agenda of political choices in a way that causes others to refrain from expressing some preferences because they seem to be too unrealistic. (NYE, 2004, p.07)

⁹ It is the ability to get what you want through attraction rather than coercion or payments. It arises from the attractiveness of a country's culture, political ideals and policies. When our policies are seen as legitimate in the eyes of others, our soft power is enhanced. (NYE, 2004, P. 09)

individuais é sempre mais poderosa do que a coerção, e assim, é visto como uma forma de poder diplomático já que visa atingir os objetivos estatais de maneira pacífica. (NYE, 2004, p.10-11).

O *soft power* tem como sua principal característica o acordo com conceitos ideais e culturais mais próximos com o que prevalece no plano global (NYE, 2002, p.123) e no contexto da influência dos Estados Unidos, a democracia, a paz, a liberdade, a autonomia, a igualdade, a prosperidade, a sustentabilidade e o desenvolvimento são vistos como pontos positivos e fazem parte do que pode ser entendido como *soft power*. Caso o Estado os possua e sejam bem executados, esses pontos podem se tornar metas para que outros Estados e atores do ambiente internacional possam querer seguir o mesmo caminho trilhado de forma voluntariosa. Nesse sentido, Nye (2002, p.37) afirma que “Se eu conseguir levá-lo a querer fazer o que eu quero, não precisarei obrigá-lo a fazer o que você não quer”. No entanto, é necessário ressaltar que a exposição da sedução por meio desse poder deve ser inclusiva para todos os tipos de atores, caso contrário pode conflitar com outros conceitos democráticos de um Estado.

Um dos maiores exemplos da efetividade do *soft power* é o consolidado movimento estadunidense do *American Way of Life*, em 1930. Esse movimento teve como peça chave as produções hollywoodianas, que começaram a divulgar mundialmente o estilo de vida da sociedade. E foi por meio dessas produções que se deu a fama invencível e invulnerável dos EUA junto com sua imagem de uma nação benevolente, protetora e solucionadora de conflitos. Além de empresas privadas com seus produtos e propagandas dos padrões genuinamente americanos, e como resultado, outros países acabaram por incorporar muitos desses padrões como o de beleza, saúde, alimentação, moda ou até mesmo seu idioma em suas culturas locais.

O *soft power* é considerado uma importante ferramenta da política externa dos Estados, principalmente, de potências médias em seu caminho para alcançar o desenvolvimento e o crescimento de sua influência no ambiente internacional, como se demonstrará a seguir.

Por mais que seja difícil medir o *soft power* usando os conceitos apresentados por Nye e Lee, o site Global Soft Power Index¹⁰, usando a metodologia de analisar familiaridade,

¹⁰ Disponível em: <<https://brandirectory.com/softpower/>>

reputação, relações internacionais entre outros, publicou um relatório determinando o nível de *soft power* de mais de 120 países. Os Estados Unidos aparecem em primeira posição com uma pontuação de 70.7 em 2022, sendo 21,6 pontos maiores que em 2021, em seus três primeiros pontos de análise, o país teve 9.2 em familiaridade, 7.7 em influência e 7.1 em reputação. Vale a pena mencionar que em comércio e em suas relações internacionais, tiveram 7.5 e 7.1, respectivamente.

Apenas dois países considerados vistos como potências médias estão à frente da Coreia do Sul no ranking. O Canadá encontra-se na sétima posição com uma pontuação de 59.5, em que sua familiaridade teve 8.0, influência 5.3 e uma reputação de 7.4. Em nenhuma categoria avaliada teve mais que 6.4 pontos. Já a Espanha, encontra-se na décima primeira posição com um total de 53 pontos, em que sua familiaridade marcou 7.9, influência 5.0 e reputação de 6.8. Nenhuma das outras categorias analisadas tiveram mais de 5.5 pontos.

A Coreia do Sul encontra-se na décima segunda posição com uma pontuação de 51.9, em que foi atribuída a sua familiaridade 7.1, sua influência 4.7, e sua reputação teve uma pontuação de 6.5 em 2022. O país subiu três posições entre 2020 e 2021, com uma pontuação de 48.3 e indo para 51.3 pontos, subindo da décima quarta posição para a décima primeira. No entanto, perdeu uma posição entre 2021 e 2022, isso se deu pelo crescimento da Espanha que subiu dez posições no ranking, atingindo uma pontuação de 53.

2.3 POLÍTICA EXTERNA

Para compreender como o *soft power* pode ser uma ferramenta importante na política externa de um Estado, é necessário entender como a dinâmica entre a política doméstica e internacional opera na produção da política externa.

Robert Putnam (1988) afirmou que a política doméstica e as relações internacionais estão sempre entrelaçadas, e desta forma, nenhuma análise pode ser considerada puramente doméstica ou internacional. As causas domésticas com efeitos internacionais ou as causas internacionais com efeitos domésticos representam apenas uma análise parcial, se não consideradas simultaneamente. Sobre esse entrelaçamento das políticas Putnam afirma:

Muito da literatura existente sobre as relações entre questões domésticas e internacionais consiste ou em listas ad hoc de incontáveis “influências domésticas” sobre a política externa ou em observações genéricas sobre questões nacionais e internacionais que estão de alguma forma vinculadas. (PUTNAM, 2010, p.149).

Desta forma, é possível reconhecer a mútua influência entre às duas esferas políticas. A pressão internacional é um mal necessário para que mudanças domésticas ocorram e sem a reflexão doméstica, o internacional não teria força suficiente para produzir acordos necessários para equilibrar o sistema internacional. Outros fatores determinantes da política externa e das relações internacionais é a luta política dos partidos, das classes sociais e dos grupos de interesse.

A luta política é essencial para o jogo de dois níveis entre o doméstico e o internacional, já que no nível nacional os grupos domésticos perseguem seus interesses pressionando o governo a adotar políticas favoráveis a seus interesses e os políticos buscam uma aliança entre os dois grupos. Já no nível internacional, os governos nacionais buscam maximizar suas próprias habilidades de satisfazer as pressões domésticas enquanto lidam com as evoluções externas. Nenhum dos dois lados deve ser ignorado na expectativa de manter seus Estados soberanos e independentes. (PUTNAM, 2010, p.151).

Tendo isso em mente, ao falar de *soft power* se compreende que um Estado está sujeito a sofrer influências diretas no seu nível doméstico de outro Estado através do nível internacional. No entanto, o cenário pode ser visto de outra maneira ao se considerar que um ator com grande influência possa mudar o nível internacional de acordo com as suas decisões internas.

2.4 COREIA DO SUL: UMA POTÊNCIA MÉDIA

Economias emergentes, países emergentes ou mercados emergentes são geralmente usados para denominar potências médias ou intermediárias. De acordo com Sennes (1998, p.403-404), os principais elementos que caracterizam as potências médias são compostas por: na presença internacional, serem vistas como hierarquia de dados empíricos em comparação com os demais Estados e possuem a capacidade de ação no ambiente internacional. Na presença regional, tem presença geográfica, prioridade dos temas regionais em sua agenda, ação de diplomacia regional, possuem laços econômicos em um sentido amplo e disputas políticas nas quais se envolvem regionalmente. Seu comportamento internacionalmente alterou entre as estratégias coerentes com a vulnerabilidade e a autonomia demonstradas pelo país.

Gelber (1946, p. 279) afirmou que potências médias se definem pela sua capacidade de se concentrar em áreas específicas fundamentais e não tem capacidade ampla de ação e

assim, não podem ser confundidas com potências grandes. O autor mencionou o caso do Canadá e sua inserção no sistema internacional.

Já Lima (2013, p.53-60) afirma que a definição de potências médias vem de seu comportamento no sistema internacional, uma vez que uma potência desse nível tentaria combinar várias estratégias para atingir o desenvolvimento de seu Estado, como a estratégia de carona.

Os autores Cooper, Higgot e Nossal (1993, p.12-32) identificam áreas específicas nas quais as potências têm uma característica de serem ativos no sistema internacional. Os autores também afirmam que o melhor se caracteriza como potência média, é o grande foco no *soft power*, em que há valorização de temas geralmente secundários para uma grande potência, como os direitos humanos, a manutenção da paz e a construção de sua imagem diante do sistema internacional.

As diferentes abordagens teóricas do campo das Relações Internacionais apresentam diferentes definições ao conceito de potências intermediárias. Em uma visão construtivista, poderes médios podem ser vistos como mais do que uma categoria definida pela geopolítica ou a geoeconomia, mas sim como uma forma de identidade e ideologia. (KRÍŽ, URBANOVSKÁ, BRAJERČÍKOVÁ, 2019, p. 7-10)

Já a perspectiva realista, baseando-se na definição de poder de Waltz (1979, p.131), a definição de potências médias se dá devido a sua posição em uma hierarquia baseada em diversas capacidades materiais definidas pela política e economicamente como território, população, poder militar, posição diplomática e seu comércio exterior.

Keohane (1969, p.291-310), em uma vinculação liberal das Relações Internacionais, analisa a forma como um Estado se comporta no sistema internacional para definir sua posição no sistema internacional. O autor afirma que Potências Grandes seriam responsáveis por determinar a estrutura do sistema, enquanto Potências Médias não seriam capazes de determinar a estrutura, mas são fortes o suficiente para influenciar sua forma e acarretar mudanças através de alianças ou organizações internacionais, para ele, essas potências têm aptidão de agir sozinho com um impacto menor ou maximizar suas ações por meio de uma ação coletiva com grupos ou instituições internacionais que compartilham de seus objetivos. Ao definir Potências Pequenas, Keohane afirma que elas seriam capazes de afetar o sistema apenas com a ajuda de Potências Grandes.

Com uma abordagem mais sistemática, Holbaard (1984, p.68-74) aponta potências médias a partir de seu Produto Interno Bruto e o tamanho de sua população. Ele utiliza uma análise padrão do comportamento de um Estado e como os ordenamentos internacionais interferem em seu comportamento.

Osterud (1990, p. 12) menciona o regionalismo como característica, afirmando que podem ser definidas através da identificação do sistema regional em que atua, sua capacidade de operar em acordos formados entre outros Estados de sua região e seu grau de influência em determinada região.

E por fim, Myers (1991, p.1) define potências médias de acordo como um Estado hegemônico ou em desenvolvimento, barganha pela proeminência, dependem periféricamente de outras potências para se manter regionalmente e tende a desafiar Potências Grandes.

Muitos teóricos tentaram construir o conceito de potências médias apresentando pontos com convergências e divergências de opiniões e definições, pois é difícil determinar quais atributos devem ser utilizados com um padrão plausível. No entanto, é possível determinar quais comportamentos padrões um determinado grupo de países médios teriam no sistema internacional, a partir do tipo de outros países que se envolve ou o tipo de poder eles possuem.

Embora haja dificuldade em encontrar a definição concreta de como seria definir essas potências, ainda há como pensar em países que se encontram com uma capacidade média de poder e por terem um papel grande demais para não fazerem parte da balança de poder, mas pequenos demais para ser equilibrado sozinho. É preciso mencionar que países médios dificilmente reconhecem seus status no sistema internacional ou concordam com os meios para seu crescimento.

Segundo o site *Policy Forum: Asia and the Pacific Policy Society*¹¹, a Coreia do Sul é considerada uma potência média, pois geralmente se encontra entre os 12º países no mundo, tendo como base o seu PIB anual. O país emergiu da colonização japonesa com reconhecimento internacional e a habilidade de impactar o ambiente internacional. No entanto, é destacado que a posição do país Sul-Coreano é dependente dos EUA manter-se

¹¹Comunidade on-line de cientistas políticos. Disponível em:
<<https://www.policyforum.net/can-south-korea-maintain-its-middle-power-status-in-the-indo-pacific-century/>>

como uma hegemonia regional. Desta forma, o termo potência média é adequado para se referir ao país sul-coreano, já que seu poder pode ser localizado entre grandes potências.

2.5 DIPLOMACIA CULTURAL

De origem europeia e tendo como base o diálogo, a promoção de valores e a manutenção das relações de confiança com outros atores, a diplomacia cultural é uma das ferramentas utilizadas pela política externa e é tida como um mecanismo de *soft power*. Nesse sentido, a cultura¹² é usada como instrumento para a promoção cultural de um Estado e para fins políticos, sociais e econômicos. (BIJOS, ARRUDA, 2010, p-34-35)

Segundo Podestá (2008), o papel da diplomacia é o de intermediar os desígnios nacionais definidos no jogo político interno com as demandas existentes na política internacional. A função de intermediação é mais evidente no campo cultural tendo em vista que o Estado depende daquilo que é produzido pela sociedade civil em termos de debate intelectual, produção cultural, patrimônio material e imaterial, necessários para a construção de sua diplomacia cultural, ou seja, o desenvolvimento de uma diplomacia cultural depende da vontade política e da capacidade do Estado em transformar o capital cultural nacional em um instrumento de projeção externa do país.

Pensar em diplomacia cultural é ver um campo ser usado como elemento estratégico em um jogo de poder entre as nações no espaço mundial, em vista disso, a cultura é um fator essencial nas relações internacionais uma vez que é a partir das interações culturais que são gerados os reforços da confiança e o entendimento mútuo entre povos e nacionais. (SADDIKI, 2009, p.116).

O diplomata Edgar Telles Ribeiro definiu a diplomacia cultural como um instrumento da política cultural externa e está relacionada com a capacidade do Estado e da sociedade civil de mobilizar seus recursos culturais para a promoção externa. Segundo o diplomata:

Considera-se que as relações culturais internacionais têm por objetivo desenvolver, ao longo do tempo, maior compreensão e aproximação entre os povos e instituições em proveito mútuo. A diplomacia cultural, por sua vez, seria a utilização específica da relação cultural para a consecução de objetivos nacionais de natureza não somente cultural, mas também política, comercial ou econômica. (RIBEIRO, 2011, p.33)

¹² O conceito de cultura é definido no sentido mais amplo da antropologia, portanto, é interpretado como uma manifestação da identidade de um povo através de tradições, hábitos, línguas e processos históricos. (STOODI, 2022, online)

Ribeiro afirma que é possível delinear quais são os objetivos e as funções desempenhadas pela diplomacia cultural, que geralmente fazem parte da divulgação cultural no exterior, e assim ele cita os temas e ideias: i) intercâmbio de pessoas; ii) promoção da arte e dos artistas; iii) ensino de língua, como veículo de valores; iv) distribuição integrada de material de divulgação; v) o apoio a projetos de cooperação intelectual; vi) apoio a projetos de cooperação técnica; vii) integração e mutualidade na programação. E apesar dessas serem uma ampla caracterização da diplomacia cultural, é compreensível que cada Estado dará prioridade para as questões que seus recursos têm disponibilidade de explorar. (RIBEIRO, 2011, p.31). Vale a pena mencionar que, com a ampliação global do acesso à Internet torna a diplomacia cultural extremamente importante como instrumento de estratégia para as políticas externas de Estados por todo o globo.

Desta forma, a diplomacia cultural tem como objetivo produzir uma boa imagem de determinado Estado, a fim de facilitar a comunicação, reduzir inseguranças, e assim, aumentar a taxa de sucesso em acordos. Assim, é possível dizer que a função da diplomacia cultural é conquistar prestígio e confiança, contribuir para o diálogo, a cooperação, e favorecer outros interesses da política externa, que estão geralmente ligados a fatores econômicos e sustentados pelos corpos diplomáticos.

Desta forma, a partir dos tópicos discutidos durante este capítulo, é possível observar as configurações que permitiram a Coreia do Sul a receber o reconhecimento necessário para se integrar e se consolidar ao ambiente internacional.

3. O GOVERNO SUL COREANO E O FENÔMENO DA ONDA *HALLYU*

Este capítulo, a segunda parte da pesquisa, tem como objetivo trazer a contextualização histórica do fenômeno estudado. Neste capítulo, abordam-se aspectos da história sul-coreana para se compreender as razões por trás da dedicação e do orgulho do governo coreano em receber reconhecimento internacional de sua cultura. Esse capítulo também falará sobre a crise de 1997, essencial para os primeiros passos dados pela Onda Coreana. Por fim, conceitua-se o que é a Onda *Hallyu*.

3.1 UMA BREVE ANÁLISE DA HISTÓRIA COREANA: ENTRE REINADOS, COLONIZAÇÃO E REPÚBLICA

Há registros que os primeiros habitantes da Península Coreana se estabeleceram na região há cerca de 700 mil anos, e durante a sua formação mudanças foram ocorrendo para chegar ao que conhecemos atualmente. (EMBAIXADA DA REPÚBLICA DA COREIA, online)

A fundação de Gojoseon¹³ em 2333 a.C se deu após a unificação de tribos locais por Dangun, considerado o fundador do povo coreano. A partir daí, outras tribos foram gradualmente se unindo às cidades-estados, e se consolidaram como reinos independentes. E assim, guerras, anexos de territórios e alianças com a Dinastia chinesa, fizeram com que o reino de Silla se unificasse com boa parte do território da região sul da península. O território norte chamado de Balhae, foi estabelecido por refugiados de Goguryeo¹⁴ que atingiu seu apogeu na primeira metade do século IX e existiu até serem derrubados pelos Khitan¹⁵, obrigando parte de sua nobreza migrar para o sul e integrarem a Dinastia de Goryeo. (EMBAIXADA DA REPÚBLICA DA COREIA, online).

A Dinastia de Goryeo (918-1392) foi fundada por Wang Geon, príncipe do Reino de Silla, e foi durante a seu reinado que o nome em inglês “*Korea*”¹⁶ surgiu. A última dinastia da região nasceu em 1392 após o General Yi Song-gye derrubar o reinado anterior e consolidar a nova dinastia Joseon, em que durante seu desenvolvimento seus líderes adotaram um sistema político equilibrado e uma sociedade que adotaram a valorização da aprendizagem acadêmica,

¹³ Primeiro nome dado à península coreana.

¹⁴ A primeira tribo a se tornar reino e durou de 37 a.C a 668 d.C.

¹⁵ Grupo étnico paramongólico que dominou a maior parte da Manchúria e parte do Norte da China desde o século X até o início do século XII.

¹⁶ Coreia, em português.

o desenvolvimento social e intelectual dando pouco valor ao comércio e a manufactura. E foi durante o reinado do quarto monarca dessa dinastia que ocorreu o desenvolvimento da sua cultura e arte. O *Hangul*, alfabeto coreano, foi criado por diversos estudantes da academia real sob a supervisão do Rei Sejong. A estrutura da Dinastia Joseon foi oficialmente estabelecida após o desenvolvimento de um sistema legal e a conclusão do Gyeongguk Daejeon¹⁷. (EMBAIXADA DA REPÚBLICA COREANA, online)

A última metade da era Joseon ficou marcada pela adoção de uma política de imparcialidade com a nomeação de governamentais e teve seu foco principal no desenvolvimento regional, com reformas políticas, culturais, agrícolas e industriais com o objetivo de fortalecer a autoridade real e ganhar estabilidade política. O fim da Dinastia Joseon teve início no final do século XVI, ao começar a sofrer diversas invasões vindas da China e do Japão. Mas foi apenas em 1910 que o Japão, após ter vencido as Guerras contra a China e a Rússia, e por meio da força militar invadiu de vez a região e anexou a Coreia como seu domínio colonial. (EMBAIXADA DA REPÚBLICA DA COREIA, online)

A Ocupação Japonesa foi marcada pelo sufocamento da cultura coreana em uma tentativa de forçar uma assimilação da cultura japonesa na colônia, em que o ensino da língua foi banida de suas escolas, a literatura e as canções nacionais foram proibidas, famílias foram obrigadas a nomear seus filhos com nomes de origem japonesa após nomes de origem coreanos serem barrados. A professora Yun Jung Im Park, do Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP explicou em uma matéria publicada no site da instituição que: “No caso coreano, principalmente pela proximidade geográfica e também por uma certa proximidade cultural, a ocupação se deu de forma mais intensiva, com controle social e cultural muito rigoroso, num projeto de niponização da Coreia” (IM, 2022, online)

Contudo, esse processo de colonização japonesa gerou um grande sentimento de nacionalismo da população coreana que, em tentativas de se libertar da presença japonesa, iniciou o Movimento de Independência através de manifestações pacíficas por todo o país no dia primeiro de março de 1919, e foram brutalmente reprimidos e massacrados pelas autoridades japonesas. No entanto, o Movimento estabeleceu raízes fortes com a identidade

¹⁷ Código Nacional que teve seu início durante o reinado de Sejo (1455-1468) e se concluiu durante o reinado de Seongjong (1469-1494)

nacional e ajudou a manter o sentimento de patriotismo vivo entre os coreanos. (EMBAIXADA DA REPÚBLICA DA COREIA, online)

E apesar do esforço em alcançar a independência, o Império Japonês ocupou a Península Coreana por mais de três décadas e seu fim deu-se apenas com o final da Segunda Guerra Mundial em 1945 após a invasão e ocupação do território por tropas dos Estados Unidos e da União Soviética que acabaram dividindo a região entre o norte socialista e o sul capitalista. Em 1948, a ONU exigiu a eleição de um presidente e o estabelecimento de um governo independente com bases democráticas e economia de mercado. (FUINI, 2022, online).

Porém, a divisão de ideologia do território coreano que foram deixadas após a presença dos EUA e da URSS levou a Guerra da Coreia entre 1950 e 1953 e contou com a China apoiando a Coreia do Norte e os EUA apoiando a Coreia do Sul, sendo que o armistício foi assinado após as partes concordarem com a divisão da península coreana. Após o fim da Guerra, a República da Coreia do Sul passou por uma era marcada por ditaduras militares e teve um salto em seu desenvolvimento se tornando uma das melhores economias mundiais. Em 1987, as eleições diretas foram restabelecidas e a democracia civil foi restaurada em 1993. (FUINI, 2022, online)

Foi durante a administração do governo de Kim Dae-Jung que o governo sul-coreano começou a manter uma melhor relação com a Coreia do Norte. Segundo o Centro Cultural Coreano no Brasil, o governo adotou a Política do Sol, que tinha como o objetivo articular um maior contato político entre as duas Coreias. Em 2000, os líderes das duas nações se reuniram em Pyongyang, na Coreia do Norte, e fizeram uma declaração conjunta que estabeleciam um sistema de reconciliação e cooperação e concordaram em reunir famílias divididas, além da revitalização do setor privado e a expansão da cooperação econômica. A Política do Sol entrou em crise em 2006 após o teste nuclear e as crises dos mísseis feitos pela Coreia do Norte, e fez com que a Coreia do Sul suspendesse a ajuda ao Norte. O acordo só chegou ao fim em 2008 após a administração do presidente Lee Myung-bak declarar que qualquer relações de cooperação econômicas só seriam retomadas quando o Norte resolvesse sua crise internacional por conta de suas armas nucleares. (KOREAN CULTURAL CENTER, online).

3.2 A CRISE FINANCEIRA ASIÁTICA DE 1997

A crise financeira de 1997 que se instaurou na Ásia Oriental atingindo principalmente os países conhecidos como os Tigres Asiáticos (Cingapura, Hong-Kong, Coreia do Sul e Taiwan), e foi uma das consequências gerada pelo fim da Guerra Fria e levou ao surgimento de tensões e conflitos internacionais, além de crises políticas e sociais em vários países orientais. A decorrente deficiência interna motivaram a crise financeira, ou seja, casos de corrupção, clientelismo, falta de transparência, ausência da democracia e a falta de sistemas eficazes para a supervisão e o controle de grandes capitais financeiros abalaram o que se acreditava ser um crescimento econômico inevitável. Segundo o autor Zou Sicheng (1998):

Os tradicionais pacotes asiáticos oferecidos por alguns organismos financeiros internacionais ou por países desenvolvidos têm um efeito limitado. Usualmente impõem condições que são favoráveis para as reformas econômicas, sociais e políticas do tipo ocidental e por isso criam complexas crises de ordem política e social. (SICHENG, 1997, p.8)

As quatro principais causas apontadas como responsáveis pela crise foram: (i) o excessivo investimento externo, resultado do grande crescimento econômico, as baixas taxas, a disponibilidade de capitais e a alta confiança contra crises tornou o Sudeste Asiático uma região extremamente atrativa para investimentos japoneses e europeus. Desta forma, os elevados empréstimos a curto prazo geraram um alto endividamento externo, a sobrevalorização de propriedades e um déficit em conta-corrente e a redução na competitividade externa devido à sobrevalorização de suas moedas; (ii) a supervisão financeira inadequada com regras bancárias obsoletas e baixa fiscalização unidas com os casos de corrupção deixaram muitas nações asiáticas totalmente despreparadas para gerenciar um fluxo de fundos externos e o mercado global; (iii) a excessiva confiança no mercado de muitos líderes asiáticos que trocaram seus planos de desenvolvimento sem considerar os fundamentos econômicos e participar de centros financeiros internacionais pela liberalização prematura dos mercados financeiros, apoiados por um conjunto de agências internacionais, banqueiros e investidores; (iv) o fator político com o conflito entre os imperativos econômicos e políticos também foram responsáveis pela crise. A recusa política de efetividade de reformas estruturais em determinadas economias asiáticas proporcionou o problema da super oferta de capitais externos e da baixa prática de supervisão. Além disso, o processo acelerado do desenvolvimento econômico do nível doméstico acabou gerando consequências como conflitos relacionados à identidade nacional, à legitimidade de governos, sistemas políticos e a manutenção da lei e da ordem. (ALAGAPPA, 1997, p. 56).

Analistas chineses, como Yang Yuanhua (1999), apontam que o principal fator da crise foi o irracional e injusto sistema monetário e econômico internacional, o que possibilitou a criação de problemas em mercados frágeis em desenvolvimento. Desta forma, se entende que a crise não foi acidental, mas apenas refletiu um desequilíbrio estrutural que se estendia por alguns países asiáticos. O analista chinês Kou Zhengling afirmou que:

Há um ponto de vista que a competitividade das exportações chinesas tenha levado à crise financeira do Sudeste Asiático. Isto não tem fundamento. Além de um sistema financeiro incompleto, da recente abertura do mercado financeiro, da corrupção governamental e do nepotismo nos negócios e outras deficiências financeiras, a causa mais importante foi o comportamento econômico, como a superprodução e o excesso de produtos de alta tecnologia. (ZHENGLING, 1999, p. 11-12).

A crise começou na Tailândia com a desvalorização da moeda local depois da tentativa do governo de a tornar um câmbio flutuante, e logo os impactos já começaram a ser sentidos na Bolsa de Valores de Hong-Kong, e países como Taiwan, Indonésia e Coreia do Sul se viram obrigados a recorrer ao Fundo Monetário Internacional.

As implicações políticas e sociais consistiram na decadência da confiança regional, além de profundos efeitos negativos em acordos entre diferentes Estados asiáticos. Já no nível doméstico e internacional, a crise gerou uma grande angústia sobre a possibilidade da necessidade de um novo pacto político-social interno, ao mesmo tempo que a interdependência entre os Estados, ou seja, o colapso da economia asiática ameaçou a estabilidade da política em toda a sua região.

A Coreia do Sul teve seu setor bancário sobrecarregado com empréstimos inadimplentes, que por sua vez falharam em garantir retornos lucrativos, e eventualmente, o excesso de dívida levou a grandes falências e aquisições de empresas sul-coreanas, o que levou ao aumento das taxas de juros e a queda na classificação de crédito acabou afastando investidores internacionais. (EDWARDS, 2009, p.500-504) E assim, o governo coreano se viu obrigado a recorrer aos empréstimos do FMI e executar medidas de reestruturação econômica. Desta forma, em 1998, o presidente coreano Kim Dae-Jung implementou um plano do governo para incentivar a produção dos setores midiáticos, como cinema, televisão e música, na esperança de difundir a cultura Sul-Coreana e se tornou um dos pilares para a recuperação econômica do país, tendo como resultado, criação da Onda Coreana.

3.3 A ONDA *HALLYU*

A Onda Coreana, conhecida também como Onda *Hallyu* em coreano, se refere ao crescimento da popularidade internacional da cultura coreana, no começo dos anos 1990 na Ásia e vem se espalhando para o restante do globo desde então (RAVINA, 2008, p.1). Foi a partir da expansão de sua visibilidade que o governo Sul-Coreano iniciou o processo de investimento cultural como um dos pilares de sua economia.

Segundo *The Korea Herald*, o maior site de notícias Sul-Coreano em inglês:

“O termo *Hallyu* (onda coreana), que foi criado pela mídia chinesa em 2000 para descrever a investida de dramas e músicas pop coreanos lá, foi rapidamente adotado pela Coreia também para se referir ao conteúdo de entretenimento coreano. Hoje, é usado para descrever uma gama de conteúdos e produtos de origem coreana.” (MIN-SIK, 2017, online, tradução nossa¹⁸).

A origem da Onda *Hallyu* deu-se quando em 1994, quando o Comitê Consultivo do Presidente Kim Young-Sam reportou que os ganhos lucrativos do sucesso da obra americana na Coreia do Sul do diretor Steven Spielberg "Jurassic Park" teve o equivalente a venda de 1.5 milhões de carros fabricados pela empresa coreana, a Hyundai. (MIN-SIK, 2017, online). Desta forma, a promoção da Indústria Cultural se tornou uma das maneiras mais eficientes de maximizar os lucros internos do país e se tornou um exportador de cultura popular.

O sucesso por trás desse sucesso pode ser categorizado com fatores internos e externos. Gradativamente, desde os anos 1990, as músicas coreanas superaram o consumo de músicas estrangeiras no país. (SHIM, 2006, p.35-38), ao mesmo tempo, em que artistas Americanos começaram a integrar o mercado de música para a produção de músicas com uma fusão entre a americana e coreana. Outro fator responsável pelo sucesso foi o investimento feito por empresas privadas diretamente na cultura e na indústria de entretenimento, com a antecipação do rápido crescimento do mercado. (SHIM, 2006, p.31-35). Além disso, o governo aplicou uma política mais rígida para proteger os direitos intelectuais, ou seja, com a legalização dos direitos autorais dificultou a circulação de músicas estrangeiras o que favoreceu a dominação das músicas nacionais. Por conta disso, o governo coreano durante a administração de Kim Dae-jung aumentou consideravelmente o orçamento do Ministério da Cultura voltado para a promoção da indústria doméstica cultural. (KO, KANG, LEE, HAN, 2005, p.500)

¹⁸ “The term *Hallyu* (Korean wave), which was coined by the Chinese media in 2000 to describe the onslaught of Korean dramas and pop songs there, was quickly adopted by Korea too to refer to Korean entertainment content. Today, it is used to describe a gamut of content and products of Korean origin.” (MIN-SIK, 2017, online)

Já os fatores externos dos países recipientes combinados com os fatores domésticos criaram o sucesso da Onda *Hallyu*, que se espalhou por diversas partes da Ásia, incluindo o Sudeste e a Ásia Central. (HYEJUNG, 2007, p.6). Vale a pena mencionar, que cada país teve uma reação divergente com relação aos dramas transmitidos, tornando algumas obras mais famosas do que outras em determinados países do Continente, tornando-se uma ponte entre a Coreia do Sul e o restante da Ásia. Por ser um país culturalmente distante do resto do continente, o interesse repentino pela cultura popular coreana se tornou um motivo de grande significado para o governo Sul-Coreano.

A popularidade da cultura coreana teve o seu primeiro auge na China em 1997, quando houve um crescimento na renda da população e acabou gerando uma grande demanda de consumo cultural, em que gerações mais jovens foram se tornando interessadas na cultura coreana. (SIN, 2002, p. 5-32; CHUN 2002, p. 73-92). O drama *What Is Love All About* foi transmitido no CCTV, canal gerenciado pelo governo Chinês e anos depois, o drama *Jealous* da MBC-TV também foi transmitido para a população chinesa, ambos se tornaram extremamente populares junto com o concerto do grupo coreano H.O.T da *SM Entertainment*¹⁹ foram o ponto de partida para o crescimento da cultura Coreana na Ásia, entre os anos 2000 a 2002. No entanto, a fascinação pela cultura coreana levou a uma grande procura além de seus dramas, mas também música, comida, moda e filmes.

Já no Japão, durante os anos de 1980, artistas coreanos já faziam sucesso como Jo Yong Pil ou Gye Eun Sook. No entanto, a primeira onda coreana que se deu com o sucesso do drama *Winter Sonata* em 2003 que foi ao ar no canal nacional japonês NHK, sendo reprisado em 2004 com um recorde de audiência de 9.3%, duas vezes acima da média (Sin, 2005, p. 17). O deslanche da Onda Coreana é vista como a atribuição da lembrança das mulheres japonesas ao amor verdadeiro, porém, o sucesso de *A Jewel in the Palace* e o sucesso do cantor coreano *RAIN* indica que o crescimento do interesse japonês vai além disso. (LEE, 2009, p. 131).

A Onda Coreana foi gradativamente substituindo a Onda Japonesa em Hong-Kong, e foi responsável pela diminuição de conteúdo nacional, junto com a imigração de artistas para os EUA. A Onda *Hallyu* em Hong-Kong começou com o cinema coreano, e atingiu a

¹⁹ Fundada em 1995 pelo produtor geral Sooman Lee, a SM Entertainment é a primeira do setor a introduzir um sistema sistemático de seleção de elenco, treinamento, produção e gerenciamento, e está descobrindo conteúdo exclusivo analisando com precisão as demandas de tendências musicais e culturais. Além disso, nos estabelecemos como uma empresa líder de entretenimento na Ásia, entrando no mercado global com uma estratégia de globalização e localização por meio da Tecnologia da Cultura. (SM ENTERTAINMENT, online).

televisão com a transmissão do drama *A Jewel in the Palace* que se tornou um grande sucesso tendo o último episódio atingido o recorde de audiência em Maio de 2005. (KO, KANG, LEE, HA, 2005, p. 503).

O caso do Vietnã foi diferente, com a importação da cultura coreana junto com a abertura da sua economia ao mercado. O país teve seus primeiros dramas introduzidos em 1999 com *Medical Brothers* e *Model*. Outra característica da Onda Coreana no Vietnã foi a adoção da moda coreana entre os mais jovens. (LEE, 2009, p. 132). A similaridade entre as suas histórias e culturas, o colonialismo, a divisão entre a sua nação apenas contribuiu para o aprofundamento da Onda Coreana no Vietnã.

Já a Coreia do Norte teve seus esforços em prevenir que a Onda *Hallyu* se espalhasse pelo país frustrados pela força da influência da Coreia do Sul na região da Ásia Leste. Desta forma, ao consumo de conteúdo sul-coreano entra no país de forma ilegal.

Segundo Bianca Milanowitsch (2017) :

O impacto considerável da *Hallyu* na Coreia do Norte é evidenciado pela reação do regime a ela como se fosse uma ameaça existencial. Para um país isolado como a Coreia do Norte, que controla rigidamente a ideologia e sua própria população, atrações provenientes de outros países, e em particular de seu vizinho do sul, podem ser consideradas perigosas para a sobrevivência do regime. (MILANOWITSCH, 2017, p. 281, tradução nossa²⁰).

De acordo com o site oficial da República da Coreia do Sul, a partir da metade dos anos 2000 ao começo de 2010, os responsáveis por liderar o avanço do alcance da Onda Coreana foram principalmente liderados por grupos masculinos e femininos de *idols*²¹ como *Big Bang* e *2NE1* pertencentes a *YG Entertainment* e *TVXQ* e *Girls' Generation* da *SM Entertainment* e teve como resultado a expansão da Onda Coreana para a América Latina e o Oriente Médio além da Ásia, provocando o interesse na cultura, cozinha, literatura e idioma. Dal Young Jin e Tae-Jin Yoon (2017) afirmam que:

Embora a Ásia tenha sido o maior mercado cultural para as indústrias culturais coreanas, outras partes do mundo, incluindo América do Norte, Europa Ocidental e América Latina, gradualmente admitiram a cultura popular coreana – tanto seus produtos audiovisuais quanto tecnologias digitais. Da mesma forma, a atual onda coreana viu grandes mudanças em sua base de fãs nos mercados asiáticos e globais. (JIN, YOON, 2017, p. 2245)

²⁰ “The considerable impact of Hallyu on North Korea is evidenced by the regime’s reaction to it as if it were an existential threat. For an isolated country such as North Korea, which tightly controls ideology and its own population, attractions emanating from other countries, and in particular from its southern neighbor, can be considered dangerous to the survival of the regime” MILANOWITSCH, 2017, p. 281)

²¹ Termo popular utilizado para se referir a celebridades famosas na Coreia do Sul.

Segundo o artigo do jornal *The San Diego Union Tribune*, publicado em dezembro de 2012, o consumo da Onda *Hallyu* tem sido um dos motivos de um considerável aumento nos casos de desertores norte-coreanos. Esse é o resultado da população criando consciência de sua situação, em que os dramas revelam a realidade do avançado desenvolvimento social de outros países comparado com a situação que vivem.

Segundo o artigo de Martin Roll (2021), existem cinco fatores responsáveis pelo crescimento da Onda *Hallyu*: a primeira foi crescimento da popularidade de marcas coreanas, empresas como a SAMSUNG e a LG tem se estabelecido no mercado internacional e se encontram no top 100 de marcas, segundo a Interbras em 2019. Marcas como Hyundai e Kia também são consideradas fabricantes de alta qualidade, além disso, empresas de cosméticos, como a AmorePacific, são consideradas. Desta forma, o aceite das marcas no mercado internacional proporciona uma melhor perspectiva de seu país de origem.

O segundo, foi o aumento do uso do sistema P&D (Pesquisa e Desenvolvimento) em *design*, produção e qualidade, o investimento voltado para pesquisa e desenvolvimento teve como resultado produtos de qualidade, como filmes, músicas e dramas, atraindo novos consumidores e ajudando a manter sua popularidade. (ROLL, 2021, online)

O terceiro, foi a gestão eficiente dos investidores privados e do governo Sul-Coreano pontos importantes, em que a Onda *Hallyu* se conecta com os consumidores, permitindo que seus aspectos despertem o interesse em seus ídolos. (ROLL, 2021, online)

Quarto, o constante apoio do governo coreano também é visto como peça chave para o avanço da Onda Coreana. O governo tem sua própria divisão no Ministério da Cultura, chamado de Divisão da Indústria da Cultura Popular, focado em música popular, *fashion*, entretenimento da massa, *comic books*, desenhos, jogos, entre outros produtos-chave. O governo coreano está constantemente focado em estudar o mercado asiático para determinar seu público-alvo e garantir o seu sucesso da Onda *Hallyu* em diferentes mercados. Outra forma que o governo coreano encontrou de apoiar sua cultura foi através de festivais culturais fora do país, com campanhas publicitárias, até 2020, o Serviço de Cultura e Informação Coreano construiu trinta e dois centros culturais na África, Ásia, Europa e América voltado a promover a Onda *Hallyu*. (ROLL, 2021, online).

Já o quinto e último consiste na menor animosidade voltada para a Coreia do Sul, diferente do Japão que colonizou grande parte da Ásia durante o período das Grandes

Guerras, tornando o país menos bem-visto aos olhos da população asiática e como resultado a tornou a identificação com a Coreia mais fácil e causou o estabelecimento da sua onda cultural pela Ásia, principalmente na China.

A Onda *Hallyu* foi a causa de uma grande melhora na imagem coreana perante não apenas os países da Ásia mas também estabeleceu uma presença mais onipresente em outros continentes do mundo. Até então, as principais imagens vindas da Coreia do Sul eram a Guerra da Coreia, seu conflito com a Coreia do Norte e a Crise Asiática de 1997. No entanto, tudo mudou com a introdução da Onda *Hallyu* pelo mundo, e foi responsável por proporcionar a chance de remodelar a marca da Coreia do Sul e mostrar para outros países como sua cultura, valores, população, produtos e pontos turísticos valem mais a pena de serem lembrados pelo resto do mundo.

Além disso, é importante destacar o uso da Onda *Hallyu* como uma ferramenta de combate ao racismo asiático. Segundo o relatório do Departamento de Justiça dos Estados Unidos, que tem como base a estatística de crimes do FBI²², crimes contra a comunidade asiática subiu 70% após o começo da Pandemia de COVID-19. Segundo o relatório da Stop APPI Hate²³, os principais tipos de discriminações resgistrados são o assédio verbal, evitar a aproximação de asiáticos, agressão física, violação de direitos civis como a discriminação no local de trabalho, recusa de serviços e o assédio virtual. As principais ocorrências foram registradas por mulheres e idosos. Em uma tentativa de criar consciência sobre o assunto, o presidente Joe Biden convidou o grupo coreano BTS²⁴ na Casa Branca. O objetivo do encontro foi, segundo a Casa Branca, "discutir a importância da diversidade e inclusão". Portanto, a Onda *Hallyu* está se tornando maior do que apenas uma ferramenta de *soft power* sul-coreano e está se consolidando como um grande aliado para tornar a vida dos asiáticos mais segura em todo o mundo.

Devido ao que foi apresentado neste capítulo podemos compreender que a cultura sempre foi apreciada pela população coreana. As dificuldades enfrentadas durante a Ocupação Japonesa e a crise de 1997 apenas fomentam a sede de criar e nutrir algo próprio. A Onda

²² Disponível em: <<https://www.justice.gov/hatecrimes/addressing-hate-crimes-against-AAPI>>

²³ A AAPI Equity Alliance (AAPI Equity), Chinese for Affirmative Action (CAA) e o Departamento de Estudos Asiático-Americanos da San Francisco State University lançaram a coalizão Stop APPI Hate em 19 de março de 2020. A coalizão rastreia e responde a incidentes de ódio, violência, assédio, discriminação, omissão e bullying infantil contra americanos asiáticos e habitantes das ilhas do Pacífico nos Estados Unidos. Disponível em: <<https://stopaapihate.org/>>(STOP APPI HATE, online)

²⁴ Grupo coreano que debutou em 2013 pela Big Hit Ent.

Coreana abriu as portas para o desenvolvimento de seu orgulho nacional e encontrou no k-pop, doramas e jogos a chance de mostrar para o mundo que a Coreia do Sul vai além dos acontecimentos históricos que deixaram cicatrizes profundas em toda a população coreana. A Onda *Hallyu* acendeu a curiosidade do mundo para algo que já era extraordinário desde o começo, seja os dramas históricos e a popularização do hanbok, vestimenta tradicional coreana, ou na gastronomia com seu kimchap.

4. A ONDA *HALLYU* COMO FORMA DE *SOFT POWER* SUL-COREANO

A terceira e última parte desta monografia caracteriza a Onda Coreana como ferramenta de *soft power* na estratégia da política externa coreana, apresenta momentos dos últimos anos em que o uso de artistas e a transmissão de dramas em nações estrangeiras facilitaram o arranjo de novos contextos internacionais. Este capítulo também irá apontar os resultados que esta estratégia trouxe para a Coreia do Sul, além de indicar seus desafios futuros.

4.1 CARACTERÍSTICAS DA ONDA *HALLYU* COMO FORMA DE *SOFT POWER*

Segundo Lee Geun (2009, p.132), existem algumas características ao contemplar a Onda Coreana como propósito de ser usada como uma ferramenta de *soft power*: a primeira característica foi o alcance cultural e geográfico da Onda *Hallyu* não se limita apenas a Ásia Leste, e teve grande sucesso em se inserir em outras regiões não influenciadas pelo confucionismo como a América Latina e a Ásia Central. Doramas exibidos em países asiáticos como a Malásia e Filipinas também encontraram sucesso em países como México, Venezuela, Costa Rica, além dos Emirados Árabes. Desta forma, pode ser visto que a influência da Onda Coreana vem ganhando mais espaço para projetar seu *soft power* em regiões que até então eram inalcançáveis.

A segunda característica, como mencionado no capítulo anterior, os dramas e *idols* bem sucedidos diferem em cada país, a ampla popularidade indica que a Coreia do Sul possui uma grande base de recursos para a manutenção da Onda Coreana.

No entanto, a terceira característica aponta que o mesmo drama pode fazer sucesso em mais de um país, um exemplo é drama *A Jewel in the Palace* foi bem recebido tanto no Japão como em Hong Kong, isso significa que a Onda Coreana possa estar construindo uma rede cultural em volta da região asiática, que facilita a inserção de conteúdo cultural mas também dificulta a construção de barreiras que sejam contra importância coreana, proporcionando a Onda Coreana a possibilidade de se instaurar por um longo período de tempo no Continente Asiático.

A quarta característica é o nascimento de movimentos contra o acelerado processo de crescimento da Onda Coreana. Porém, esse fator pode ser visto como uma evidência do

verdadeiro sucesso da Onda *Hallyu* ou pode ser interpretado como uma falta de reciprocidade na troca de culturas nesses países como Japão e Taiwan, esse entendimento pode trazer a consciência de que o *soft power* pode acabar se tornar um ato de dar e receber ao mesmo tempo, ou seja, acaba se tornando uma via de mão dupla.

A quinta e última característica apresentada por Lee foi a possibilidade de a Onda Coreana não ser um fenômeno transitório e breve, já que a base de consumo deve ser uma grande massa para que a cultura popular moderna consiga continuar a se desenvolver, o que não é o caso da Coreia do Sul visto que o alcance da Onda *Hallyu* vem tendo um crescimento sustentável desde a sua aparição.

4.2 A RELAÇÃO ONDA *HALLYU* E OS GOVERNOS DE 1998 a 2022

A primeira administração a lidar com a Onda *Hallyu* foi a do presidente Kim Dae-jung (1998-2003), responsável por fortalecer o investimento na cultura coreana e o primeiro a reconhecer o *Hallyu* como um fenômeno cultural coreano, em 2001. (KIM; JIN, 2016, p.5514).

A segunda administração do presidente Roh Moo-hyun (2003-2008), mostrou um grande interesse em desenvolver a diversidade cultural da Onda *Hallyu*, e assim, fortalecer a conexão com outras culturas. (KIM; JIN, 2016, p. 5516). A primeira vez que o presidente Roh fez menção à Onda Coreana foi quando fazia uma visita à China, com o propósito de nutrir as trocas culturais e demonstrar a amizade mútua entre as nações. De acordo com o presidente, a troca cultural entre a China e a Coreia do Sul foi responsável em auxiliar a expansão da base de cooperação entre eles.

Durante o governo do presidente Lee Myung-bak (2008-2013), houve uma mudança na política coreana, em que o novo presidente adquiriu uma postura mais conservadora, já que fazia parte do partido de direita Grande Partido Nacional. Seu governo instaurou a industrialização da cultura e suas artes, com o objetivo de modernizar a cultura sul-coreana e desenvolver conteúdos mais inovadores e criativos. O presidente Lee, viu na Onda Coreana, um instrumento com a finalidade de melhorar a imagem nacional, e conseqüentemente, a sua economia, tendo isso em mente, ele se preocupou em expandir as áreas de atuação da Onda Coreana e explorar novos recursos, como moda e comida. Foi nessa época que o termo “marca nacional” surgiu. (KIM, JIN, 2016, p. 5517). Na administração do presidente Lee, a

Onda *Hallyu* e o *soft power* do país andavam em conjunto, e essa relação estava amplamente relacionada com a diplomacia pública e cultural do governo.

O governo de Park Geun-hye (2013-2018) procurou promover o ganho econômico relacionado à Onda Coreana, ao invés de investir na diversidade cultural. O enriquecimento da Coreia do Sul era uma das prioridades de seu governo e enfatizou que o papel da *Hallyu* era gerar lucros econômicos, desta forma, seu governo incentiva o investimento privado na indústria cultural coreana. (KIM, JIN, 2016, p.5518)

O governo do presidente coreano Moon Jae-in (2017-2022), acreditou que a cultura e a arte deveriam ser consideradas como uma indústria, e afirmou desde o começo de seu mandato que via a Onda Coreana como uma peça chave na política do país. Seu mandato se comprometeu a apoiar os conteúdos produzidos pela *Hallyu*. O presidente Moon tinha como estratégia convidar artistas coreanos para participar de vários eventos do governo com a intenção de promover a imagem coreana e revitalizar sua economia. (WOODIER; PARK, 2017, p.70-81).

Já o atual presidente coreano, Yoon Suk-yeol (2022-2027) prometeu em sua campanha apoiar a indústria da cultura e da arte, seu governo tem o objetivo de estabelecer um ambiente em que seja possível para o público participar da cultura. Além disso, o presidente tem planos de ajudar as atividades da Onda Coreana no exterior, tendo como objetivo de expandir a cultura popular coreana para todo o ocidente (KWAK, 2022, online).

A partir das informações apresentadas, é possível perceber que desde o começo de seu desenvolvimento, a Onda *Hallyu* sempre recebeu a atenção necessária de todas as administrações para conseguir se manter como um importante aliado da política externa sul-coreana.

4.3 A ONDA *HALLYU* COMO FERRAMENTA DE *SOFT POWER* SUL-COREANA

Apesar de sua conceitualização, medir o *soft power* de uma nação é uma tentativa difícil pela lógica e a linha entre *soft* e *hard power* apresentadas por Joseph Nye. O autor Lee Geun (2009, p.125-127) apresentou cinco categorias que podem servir como estratégia para o desenvolvimento do *soft power*: a primeira é a manipulação ou a criação de uma imagem própria é capaz de melhorar as questões de segurança, isso se dá, pois quando a uma nação é

internacionalmente respeitada, a tendência é a diminuição de discriminação sofrida por outras nações.

A segunda estratégia é a manipulação da imagem de outros com a intenção de receber apoio para serem realizadas ações coletivas. Lee afirma que nessa estratégia, a manipulação negativa é mais eficiente, pois é mais fácil mobilizar uma ação coletiva na tentativa de prevenir algo do que promover algo, invocando valores universais como a liberdade, democracia ou direitos humanos.

A terceira estratégia é a criação de uma rede de apoio em que a sua manutenção tenha constantes ganhos positivos, alguns tipos de padrões, junto com alguns códigos comportamentais e perspectivas comuns são fatores essenciais para o desenvolvimento desta estratégia. Esta estratégia tem a finalidade de proporcionar uma estrutura em que o avanço em determinados países se tornem possíveis.

A quarta estratégia só pode ser aplicada em países passando por crises ou uma transição conturbada, a aceleração na mudança de situações torna efetivo a aplicação dos recursos de *soft power*, um exemplo é a retirada do apoio de um país durante uma guerra, acelerando a sua derrota.

A quinta e última estratégia é a de heróis e celebridades podem se tornar peça chave no *soft power* através de comentários e ações voltadas para a criação de um valor universal comum, tornando possível a conquista de objetivos nacionais e internacionais. Essa estratégia também cria um senso de orgulho nacional, aqui Lee afirma que:

Heróis e celebridades podem provocar coesão nacionalista ou amplo apoio para o seu governo. Aqui, heróis e celebridades podem agir de forma independente ou em cooperação (cooptação) com seu governo. No entanto, quando um governo tenta abertamente tirar vantagem da fama das celebridades para fins políticos propósitos, tais esforços podem produzir resultados negativos. (LEE, 2009, p. 129, tradução nossa²⁵).

Lee (2009, p.116), descreveu o *soft power* como o poder de construir as preferências e imagens de si mesmo e dos outros por meio de recursos ideológicos ou símbolos que ajudam a alcançar mudanças no comportamento da outra parte. Assim, foi possível determinar o tipo de poder utilizado tendo como base o estilo de recursos aplicados. Essa clarificação mais

²⁵ "Heroes and celebrities can provoke nationalistic cohesion or wide support for their government. Here, heroes and celebrities can act independently or in cooperation (cooptation) with their government. However, when a government openly tries to take advantage of celebrities' fame for political purposes, such efforts can produce negative results." (LEE, 2009, p.129)

profunda do *soft power* tornou possível o analisar a partir da Onda *Hallyu*. Ele afirma que a cultura como um ator isolado não se classifica como *soft power*, mas seus recursos como os valores, seus símbolos podem ser utilizados para produzir *soft power*. Desta forma, é possível explicar como esses recursos podem ser transformados para trazer resultados positivos para uma nação.

Também foram apresentadas três categorias com o objetivo de um aprofundar a contextualização do *soft power* para que pudessem ser aplicadas em potências médias, como a Coreia do Sul: a primeira é como os recursos serão aplicados, em que o *soft power* será usado com a intenção de mudar as preferências, interpretações e emoções de outro país ou destinatário. Ele afirma que nessa primeira fase é necessário adotar recursos que permitam cultivar atratividade, conforto e respeito em curto prazo para que sejam adotados hábitos que gerem resultados ao longo prazo. A segunda fase é o processo cognitivo dos receptores, nos que os processos de recepção dos recursos aplicados, que pode variar entre indiferença, atração ou resistência. A terceira fase consiste na produção do *soft power*, que consiste na conversão efetiva dos recursos em *soft power* que será utilizado pelo governo na intenção de atingir seus objetivos. (LEE, 2009, p.129).

A cultura popular de um país é vista como a responsável por gerar meios de atração com a capacidade de influenciar mais do que a própria população nacional, mas também a estrangeira. O seu reconhecimento como uma ferramenta política foi capaz de resultar numa mudança na forma de se observar a cultura por cada país ter a sua própria identidade doméstica, e é caracterizada pela habilidade de moldar opiniões, pensamentos e atitudes.

O uso da Onda Coreana como ferramenta de *soft power* permitiu o Governo Coreano a realçar a imagem do país, a sua cultura popular se tornou mais do que entretenimento ou arte, e se transformou em um método de promover desenvolvimento humano, nutrir interações entre diferentes comunidades e estabelecer colaborações e a chance de se aproximar de vários outros países, dentro e fora da Ásia. Após o sucesso de suas produções nacionais, o Governo Sul-Coreano tem utilizado a Onda *Hallyu* como um suporte para impulsionar os seus objetivos de Política Externa.

No entanto, é importante mencionar que a atração causada pelo interesse na cultura popular não pode ser vista como uma forma de poder direta, tendo em vista que existe a possibilidade em provocar uma mudança das percepções estrangeiras e como resultado

ocorrer uma melhora no relacionamento entre duas nações e tornar suas ideias políticas mais abertas. Um exemplo que pode ser citado é a relação entre a Coreia do Sul e o Vietnã, em que a Onda Coreana se tornou um modelo a ser seguido com o desenvolvimento econômico como objetivo principal, a popularidade da Onda *Hallyu* no país se deu também pelas suas similaridades históricas. A cultura popular coreana é aplicada de uma maneira geral na cultura vietnamita em comparação com qualquer outro Estado em contato com a Onda Coreana. A semelhança cultural entre os dois países ajudou a criar uma imagem positiva da Coreia do Sul perante a população vietnamita, o que resultou no fortalecimento de laços econômicos e políticos entre os dois países. (LEE, 2002, P.93-113).

Merece destaque também que o grupo da *SM Entertainment*, *EXO*²⁶ também participou do jantar sediado pelo presidente coreano Moon Jae-in em 2019 para receber o então presidente dos Estados Unidos, Donald Trump e sua filha Ivanka Trump, em sua visita a Seul após a cúpula do G20 no Japão. A conta oficial do jornal *Bloomberg Quicktake* chamou o encontro de “A diplomacia do K-pop” em sua postagem no *Twitter*. O grupo também fez parte do show de encerramento das Olimpíadas de Inverno sediado pela Coreia do Sul, em 2018.

Outro exemplo que pode ser dado do uso da Onda *Hallyu* como ferramenta de *soft power* coreano foi o relacionamento entre a Coreia do Sul e o Egito. Em 2004, o governo coreano instigou a exportação de dramas coreanos com a esperança de que a troca de experiências culturais melhoraria a imagem coreana no país africano e, conseqüentemente, a relação entre as duas nações em um momento em que a Coreia do Sul enviaria mais tropas para o Iraque²⁷, com o objetivo de transmitir o bom caráter coreano e dar uma pintura as suas intenções de fazer parte da ação militar como honrosas. (KIM, 2007, p. 53). Além de ser a primeira vez que uma produção coreana foi transmitida em um país do Norte da África e Oriente Médio, e foi feito com propósitos diplomáticos devido à mudança no cenário político da região. Em uma continuação do uso da Onda *Hallyu* como meio diplomático no Oriente Médio foi em 2012, quando o ator coreano Jeon Kwang-ryul foi convidado para visitar o país, pela então primeira dama Hero Ibrahim Ahmed, que estendeu o convite para a Embaixada e o Ministro do Departamento de Negócios Estrangeiros e Comércio da Coreia do Sul, essa

²⁶ Grupo de k-pop que debutou em 2012 pela SM Ent. composto por nove membros, sendo um deles chinês. EXO é considerado o maior grupo da *Hallyu* 2.0.

²⁷ A Coreia do Sul fez parte da Coalizão Internacional que apoiou os Estados Unidos na Guerra contra o Iraque de 2003 a 2008.

oportunidade teve como resultado a emissão de passaportes especiais para os cidadãos coreanos, tendo em vista a proibição de viagem entre os dois países. (KBS, 2004, online)

4.4 O RESULTADO DA ONDA *HALLYU* COMO ESTRATÉGIA DE *SOFT POWER* PARA A COREIA DO SUL

Segundo Lee Geun (2009), a manipulação para uma imagem mais favorável da Coreia do Sul levará a uma melhora na segurança de seu território e população. A explosão da Onda *Hallyu* deu a chance da nação criar uma nova perspectiva de si mesma para o mundo. Desta forma, a popularidade da cultura popular da Coreia está criando uma visão menos intimidadora do país, significando que em países onde a Onda *Hallyu* tem grande presença serão menos propensão a formar ou se juntar em uma coalizão contra o governo sul-coreano, ou seja, uma maior lealdade. No entanto, Lee Geun (2009) afirma que:

Uma ressalva é que a atratividade cultural deve sempre competir com outras formas de lealdade como o nacionalismo ou interesses econômicos materiais. Dificilmente se pode prever quando o nacionalismo e os interesses econômicos materiais vão ofuscar a cultura atratividade. (LEE, 2009, p. 134, tradução nossa²⁸).

A segurança humana também é vista como um feito do *soft power*. Com a melhora da imagem coreana em outras partes do mundo, e a constante presença da Onda *Hallyu*, trará como resultado uma diminuição nos casos de discriminação sofridas por coreanos fora da Coreia do Sul. Um exemplo é o Japão, em que a relação com a Coreia sempre foi marcada pela Ocupação Japonesa, a imagem e a reputação coreana tem uma melhora significativa entre os japoneses depois da Onda Coreana.

A segunda implicação da Onda *Hallyu* e os efeitos da rede de estratégias, ou seja, a Onda *Hallyu* acompanha seus padrões coreanos, com as suas condutas, comida, idioma coreano, e outros pontos de referência. Com uma maior aceitação da natureza coreana, as companhias e o governo terão um espaço mais flexível para a influência coreana. Lee Geun aponta que essa estratégia resultará: “Isso criará ideias de longo prazo e invisíveis influências da Coreia sobre outros países como os EUA fizeram através de filmes de Hollywood e vários programas educacionais e de treinamento.” (LEE, 2009, p 135, tradução nossa²⁹).

²⁸ “One caveat is that cultural attractiveness should always compete with other forms of loyalty such as nationalism or material economic interests. One can hardly predict when nationalism and material economic interests will overshadow cultural attractiveness.” (LEE, 2002, p. 134)

²⁹ “This will create long-term ideational and invisible influence of Korea upon other countries as the U.S. did through Hollywood movies and various educational and training programs.” (LEE, 2009, p.135)

A terceira consequência é a criação de heróis e celebridades que podem atrair a atenção do público melhor do que qualquer político, em que o jeito que se comportam, os palcos que aparecem e a mensagem que escolhem passar geram impacto em uma grande quantidade de pessoas. A nova geração de celebridades coreanas ganhou espaço em países como Japão, China e Hong-Kong, gerando assim um aumento na confiança da população coreana ao perceber que seus artistas recebem a atenção de milhões de pessoas fora do país. Além disso, essa paixão por artistas coreanos foi usada para diminuir as tensões internacionais, como foi visto no caso do Egito. Lee Geun afirma que:

Se as mensagens que as estrelas de ondas coreanas transmitem contêm valores universais, como ajudar pobres ou salvando crianças, as estrelas podem melhorar seu *status* enquanto mudam os comportamentos e as ideias das pessoas de uma forma muito positiva. (LEE, 2009, p. 135, tradução nossa³⁰)

Já os autores Albuquerque e Urbano afirmaram em 2015 que:

Embora tenha se dado tardiamente nesse país, se apresentou não só como um meio de crescimento e recuperação econômica eficaz, mas também de promoção da marca “Coreia do Sul” junto ao cenário mundial (ALBUQUERQUE E URBANO, 2010, p. 259-260).

Portanto, a Onda *Hallyu* acabou se tornando um aspecto fundamental na estratégia de difusão do *soft power* Sul-Coreano, em que a partir dos anos 1990, mudou a sua estratégia de dominação cultural para a tentativa de difundir a sua própria cultura no exterior.

4.5 O FUTURO DA ONDA HALLYU

A Onda *Hallyu* não foi um fenômeno que aconteceu de repente e por ainda estar em constante progresso, é difícil prever se seu crescimento chegará ao ponto de desafiar as produções Hollywoodianas ou se irá desaparecer após atingir seu pico de popularidade. Com a sua base de seguidores, é possível deduzir que a cultura coreana tenha se enraizado em mais de um país asiático, e tem uma grande influência em outros países ocidentais. O consumo cultural tende a se tornar algo nostálgico na vida das pessoas, dificultando o esquecer ou o desapegar.

A globalização e a tecnologia têm sido aliados fundamentais para o desenvolvimento da Onda *Hallyu*, e apesar de outros estarem seguindo seu exemplo como a China, que tem, nos últimos anos, tornado sua cultura mais presente nos seus países vizinhos. Desta forma, as

³⁰ “If the messages that the Korean wave stars convey contain universal values such as helping the poor or saving children, the stars can improve their status while changing people’s behaviors and ideas in a very positive way.” (LEE, 2009, p. 135)

próximas transformações das redes sociais podem ser o principal fator a afetar a presença da cultura coreana mundialmente no futuro. (KIM, 20019, p.162).

Apesar de não ser possível prever em qual direção a Onda *Hallyu* tomará no futuro, o artigo de Martin Roll (2021) apontou três grandes desafios que deverão ser enfrentados pela Onda Coreana e o Governo Coreano: Primeiro é a constante inovação de produtos culturais, não apenas em temas e histórias mas também em uma maneira criativa de as executar, como uma forma de continuar atraindo a atenção através da Ásia e o mundo, já que é discutível até quando as produções coreanas serão capazes de despertar os sentimentos que permitiram a Onda *Hallyu* de se desenvolver.

O segundo desafio que pode ser apontado é evitar-se de super expor seus artistas, já que a sua promoção constante pode gerar uma perda de interesse pelo seu público alvo, e assim, o sucesso de seu projeto afetado. Esse é um dos maiores desafios encontrados, já que as empresas tendem a explorar ao máximo a popularidade de seus artistas. (ROLL, 2021,online).

E o terceiro, os investimentos sustentados pelo governo coreano, que tem participado e apoiado o crescimento da Onda *Hallyu* ativamente, e assim, precisará aumentar os seus investimentos com o tempo para conseguir suprir as constantes inovações e pesquisas voltadas para manter a popularidade de suas produções e precisará criar campanhas para a arrecadação de fundos voltados para esse investimento. (ROLL, 2021 online).

Portanto, para que a cultura coreana continue sendo utilizada como elemento de *soft power*, é importante que o governo coreano consiga determinar um limite em que os artistas coreanos devem participar de eventos oficiais diplomáticos. Segundo o artigo da Universidade de Stanford, escrito por Shin Gi-wook (2002), a presença do grupo feminino *Red Velvet*³¹ como parte da delegação a se apresentar em Pyongyang em abril de 2018 não foi vista com bons olhos e causou indignação por seus fãs ao verem suas *idols* ao lado de um ditador. O governo coreano deve evitar que casos como esse se repitam para que a Onda Coreana ache o seu próprio lugar no cenário global, permitindo que seus artistas se pronunciem sobre situações de forma independente.

³¹ Grupo femenino de k-pop, debutou em 2014 pela SM Ent.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho sobre a diplomacia cultural e o *soft power* de potências médias com o foco voltado para a Coreia do Sul entre os anos de 1998 a 2022, buscou analisar a utilização da Onda *Hallyu* como estratégias de *soft power* utilizada pelo Governo Coreano como parte de sua política externa nos últimos anos e um ponto de desenvolvimento por todas as administrações governamentais que presidiram o país.

A principal técnica de pesquisa foi a análise bibliográfica de materiais publicados, e assim permitiu que se fizesse o esclarecimento de conceitos apresentados às Relações Internacionais no primeiro capítulo, além do esclarecimento de termos como poder e potências médias, objetos de discussão entre estudiosos até os dias atuais.

De acordo com a contextualização feita no segundo capítulo percebemos ao olhar a história coreana, que o desenvolvimento de sua cultura sempre teve presença durante a formação de seu país. Apesar de a base de sua sociedade ser extremamente influenciada pelo confucionismo chinês, a Coreia do Sul conseguiu desenvolver sua cultura própria, com idioma, música, dramas e cozinha únicos de seu próprio país. A Ocupação Japonesa e a sua tentativa de reprimir a cultura nacional apenas impulsionou a sua dedicação em criar e alimentar a sua própria cultura, na esperança de desenvolver uma identidade cultural independente de qualquer outra influência regional.

A popularidade da Onda *Hallyu* foi a responsável por colocar a imagem sul-coreana em outro patamar, e tem se fortalecido o suficiente para superar e desprender das memórias relacionadas à Guerra da Coreia ou à Crise Asiática, além de gerar grandes lucros econômicos e políticos. A cultura popular pode ser vista como um dos recursos mais poderosos do *soft power* pela capacidade de cativar pensamentos, emoções e sentimentos, e assim, ao investir na exportação de sua cultura, a Coreia do Sul acabou gerando grandes sentimentos de empatia e confiança para si.

Desta forma, a Coreia do Sul ajudou a colocar em perspectiva a importância do investimento cultural como uma estratégia para o desenvolvimento do *soft power* de potências médias, e assim, concluir que o investimento na diplomacia cultural auxilia no progresso de políticas favoráveis para o seu país. A Coreia do Sul pode ser vista como uma grande desenvolvedora contemporânea do *soft power*; pela forma em que sua cultura ganha cada vez mais relevância em vários países do mundo. A Onda *Hallyu* tem dá a Coreia do Sul uma

maneira de competir com outras nações em se tornar um grande polo de influência no ambiente internacional.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALAGAPPA, M. **Systemic change, security and governance in the Asian-Pacific**". IN: CHEE, Chang Heng. *The New Asia-Pacific Order*. Singapore: Institute of Southeast Asian Studies, p.56, 1997.

ALBUQUERQUE, A; URBANO, K. **Cultura pop e política na nova ordem global: lições do Extremo-Oriente**. In: SÁ, S; CARREIRO, R; FERRAZ, R (Org.). *Cultura pop*. p. 247-267. Salvador: EDUFBA; Brasília: Compós, 2015.

BACHRACH, P. & BARATZ, M.S. **Two Faces of Power**. *The American Political Science Review*, v. 56, p.947-952, 1962.

BALDWIN, D. **Power and International Relations**, in *Handbook of International Relations*, eds. Walter Carlsnaes, Thomas Risse and Beth A. Simmons. London: SAGE Publications, p.275, 2002.

BIJOS, L; ARRUDA. V. **A diplomacia cultural como instrumento de política externa brasileira**. *A Cultura como dispositivo de inclusão*. Brasília: Revista Diálogos, v.13, n1, p.34-35, 2010.

BOAZ, D. **Libertarianism**. *Britannica*. 25/08/2022. Disponível em: <<https://www.britannica.com/topic/libertarianism-politics>> Acesso em: 26/10/2022.

CHUN, S. **The Korean Wave in Taiwan: Current States and Prospects**. *Donga yeongu*, v. 42, p. 73-92, 2002.

COOPER, A; HIGGOT, R; NOSSAL, K. **Relocating Middle Powers: Australia and Canada in Changing World Order**. Vancouver: University of British Columbia, 1993.

DIGESER, P. **The Fourth Face of Power**. *Journal of Politics*, v. 54, p.997-1007, 1992.

DOYLE, M. **Liberalism and World Politics**. *American Political Science Review*. p. 1151-1169, 1986.

EDWARDS, S. **Capital Controls and Capital Flows in Emerging Economies: Policies, Practices, and Consequences**. Chicago and London: The University of Chicago Press, p. 500-504, 2007.

FREY, F. **The Location and Measurement of Power: A Critical Analysis**, paper presented at the International Studies Association Annual Meeting and Study Group on Power, International Political Science Association, London, 1989.

FUINI, P. **Liberação da Coreia**. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 15/08/2022. Disponível em: <<https://www.fflch.usp.br/35798>>. Acesso em: 12/10/2022.

GELBER, L. **Foreign Affairs**. New York: Canada 's New Stature. v.24, n.2, p.277-289, 1946.

Global Soft Power Index 2022. Brand Finance Brandirectory. Disponível em: <<https://brandirectory.com/softpower/report>> Acesso em: 24/10/2022.

GUZZINI, S. **Structural Power: the limits of neorealist power analysis**. *International Organization*, v. 47, p.443-478, 1993.

Hallyu (Korean Wave). Korea.net. Disponível em: <<https://www.korea.net/AboutKorea/Culture-and-the-Arts/Hallyu>> Acesso em: 20/10/2022.

História da Coreia. Embaixada da República da Coreia em Portugal, Lisboa, 06/11/2012. Disponível em: <https://overseas.mofa.go.kr/pt-pt/brd/m_9403/view.do?seq=685792&srchFr=&srchTo=&srchWord=&srchTp=&multi_itm_seq=0&itm_seq_1=0&itm_seq_2=0&company_cd=&company_nm=>. Acesso em: 12/10/2022.

HOLBRAAD, C. **Middle Powers in International Politics**. London: MacMillian Press, 1984.

HYEJUNG, J. **The Nature of Nationalism in the “Korean Wave”: A farming analysis of New Coverage about Korean Pop Culture**. *Conference Papers: National Communication Association*, p. 06, 2007.

Introdução da Coreia. Korean Cultural Center. Disponível em: <<https://brazil.korean-culture.org/pt/174/korea/68>> Acesso em: 12/10/2022.

JIN, D; YOON, T. **The Korean Wave: Retrospect and Prospect**. *International Journal of Communication*, v. 11, p. 2241-2249, 2017.

KEOHANE, R. **Lilliputians' Dilemmas: Small States in International Relations.** *International Organizations*, v.23, n.2, p.291-310, 1969.

KIM, J. **Rethinking Media Flow under Globalization: Rising Korean Wave and Korea TV and Film Policy since 1980s.** Coventry: University of Warwick. p. 53, 2007

KIM, J. **K-pop, hallyu continue global rise.** *The Korea Times*. 15/01/2020. Disponível em: <http://www.koreatimes.co.kr/www/news/nation/2020/01/356_281957.html?module=inline&pgtype=article>. Acesso em: 20/10/2022,

KIM, G. **Baekbeom's Diary**, Korea, 1929.

KIM, T.Y.; JIN, D.Y. **Cultural Policy in the Korean Wave: An Analysis of Cultural Diplomacy Embedded in Presidential Speeches.** *International Journal of Communication*, v.10, p. 5514-5534, 2016.

KO, J; KANG, S; LEE, A; HA, S. **The Persistence of the Korean Wave and the Ways to Commercially Use It.** *CEO Information 503*. Seoul: Samsung Economic Research Institute, p. 500-503, 2005.

KOREAN FOUNDATION. Disponível em: <<https://www.kf.or.kr/kfEng/main.do?langTy=ENG>> Acesso em: 26/10/2022.

KRÍŽ, Z. URBANOVSKÁ, J. BRAJERČÍKOVÁ, S. **The middle power concept: presenting a complex approach.** In *Politické vedy*. v. 22, n.4, p. 33-56, 2019.

KWAK, Y. **Yoon gov't to expand support for cultural creators.** *The Korea Times*. 10/03/2022. Disponível em: <https://www.koreatimes.co.kr/www/nation/2022/06/356_325285.html> Acesso em: 24/10/2022.

LAPLAWANIT, N. **A Good Look at the Thai Financial Crisis in 1997-98.** Nova York: Columbia University. 1999. Disponível em: <http://www.columbia.edu/cu/thai/html/financial97_98.html>. Acesso em: 14/10/2022.

LEE, G. **A Soft Power Approach to the "Korean Wave".** *The Review of Korean Studies*, v. 12, n.2, p.131-135, 2009.

LEE, H. **The Korean Wave in Vietnam: Its Formation and Socioeconomic Influence.** *The Journal East Asian Studies*, 42, p. 93–113, 2002.

LIMA, M. **The Political Economy of Brazilian Foreign Policy: Nuclear Energy, Trade and Itaipu.** Brasília: FUNAG, 2013.

LOCKE, J. **An Essay Concerning Humane Understanding** (1st ed). 1 vols. London: Thomas Basset, 1690.

LUKES, S. **Power: A Radical View**, 2nd edn. New York: Palgrave Macmillan, 2005

MEARSHEIMER, J. **The Tragedy of Great Power Politics.** New York: Norton Company, p. 06-12, 2001.

MILANOWITSCH, B. **Mapping the Presence of the Korean Wave in North Korea.** *International Quarterly for Asian Studies*, v. 48, pp. 281 . Germany: Philipps University Marburg, 2017.

MIN-SIK, Y. **Hallyu's future; limitations and sustainability.** *The Korea Herald*, Coreia do Sul, 14/08/2017. Disponível em: <<https://www.koreaherald.com/view.php?ud=20170814000686>> Acesso em 18/10/2022.

MORGENTHAU, H. **Politics Among Nations.** New York: Alfred A. Knopf, p.13, 1965.

MYERS, D. **Regional Hegemons: Threat Perception and Strategic Responses.** São Francisco: Westview Press, p.1, 1991.

NYE, J. **Bound to Lead: The Changing Nature of American Power.** New York: Basic Books, 1990.

NYE, J. **The Means to Success in World Politics.** United States: PublicAffairs, 2004.

OSTERUD, O. **Regional Great Powers in International Politics.** Brasingstoke: St. Martin's Press, p. 1-15, 1992.

PODESTÁ, B. **Las dos caras de Jano.** Uruguai, Montevideo: CLAEH, 2008.

PUTNAM, R. **Diplomacy and Domestic Politics: The Logic of Two-Level Games.** *International Organization*, v.42 p.427-460, 1988.

Radio Korea International, KBS, 28/05/2004. Disponível em: <http://english.kbs.co.kr/news/newsview_sub.php?menu=5&key=2004052820> Acesso em: 24/10/2022.

RAVINA, M. **Introduction: conceptualizing the Korean Wave**. *Southeast Review of Asian Studies*. Atlanta: Emory University. v.31, p. 1-7, 2009.

RIBEIRO, E.T. **Diplomacia Cultural: seu papel na política externa brasileira**. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2011.

ROLL, M. **Korean Wave (Hallyu) - The Rise of Korea's Cultural Economy and Pop Culture**. *Martin Roll: Business & Brand Leadership*, 2021.

SADDIKI, S. **El papel de la diplomacia cultural en las relaciones internacionales**, Revista CIDOB d'affers internacionals. Barcelona, n.88, p.107-118, 2009.

SAEJI, C. **Spinning South Korean cultural industry for soft power and nation branding**. *East Asian Forum*. 25/10/2021. Disponível em: <<https://www.eastasiaforum.org/2021/12/25/spinning-south-korean-cultural-industry-for-soft-power-and-nation-branding/>> Acesso em: 20/10/2022.

SHIM, D. **Hybridity and the Rise of Korean Popular Culture in Asia**. *Media, Culture & Society*, p. 25-44, 2006.

SHIN, G. **Will Hallyu Swell to a Tidal Wave? Korea's Future as a Cultural Superpower**. *Stanford Freeman Spogli Institute for International Studies*. Stanford: Stanford University. 01/08/2022. Disponível em: <<https://fsi.stanford.edu/news/will-hallyu-swell-tidal-wave-koreas-future-cultural-superpower>>. Acesso em 23/10/2022.

SICHENG, Z. **El sistema financiero internacional en la encrucijada**, *Beijing Informa*, no. 38, p.8, 1998.

SIN, Y. **The Phenomenon of the Korean Wave in East Asia: A Comparative Analysis and Evaluation**. *Donga yeongu*, v. 42, p. 5-34, 2002.

SIN, W. **Research on the Korean TV Drama that led the Korean Wave in Japan**. *Hanminjok munhwa yeongu*, p. 17, 2005.

SULLIVAN, T. **North Korea cracks down on knowledge smugglers.** *The San Diego Union Tribune*. California. 31/12/2012. Disponível em: <<https://www.sandiegouniontribune.com/sdut-north-korea-cracks-down-on-knowledge-smugglers-2012dec31-story.html>> Acesso em: 23/10/2022.

WALTZ, K. **Theory of International Politics.** United States: McGraw-Hill, p.131, 1979.

WEBER, M. **The Theory of Social and Economic Organization** (trans. A.M. Henderspn and Talcott Parsons). New York: The Free Press, p. 152, 1947.

WOODIER, J; PARK, S. **Republic of Korea: K-culture and the Next Wave of Economic Growth.** *International Journal of Culture and Creative Industries*, v.5, n.1, p-70-81, 2017.

WRIGHT, Q. **A Study of War**, 2nd edn. Chicago: University of Chicago Press, p.743, 1965.

YIN, R. K. **Case Study Research: Designs and Methods.** Thousand OAKS: Sage, p.13-14, 2009.

ZHENGLING, K. **La economía china en 1999: Estímulo del consumo individual y desarrollo sostenido,** *Beijing Informa*, no. 1, 11-12, 1999.